

POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa

Ano VIII • N.º 21 • Maio de 2009



Mariana Norton

Do Teatro ao Jazz

18

O Concurso Poliempreende lançado pelo IPL foi um sucesso total, congregando 90 participantes, entre alunos e docentes, das suas escolas. O projecto vencedor, de que a imagem ao lado mostra um cartaz promocional é da autoria de Paulo Leite, professor da Escola Superior de Teatro e Cinema. Os 2.º e 3.º prémios foram atribuídos a projectos de engenharia, apresentados por Pedro Henriques e Fábio Ferreira, alunos do ISEL.



36

A Escola Superior de Educação de Lisboa acolhe nas suas instalações a sede de um projecto pioneiro de educação precoce que envolve pais, filhos, avós e netos na aventura da descoberta da aprendizagem. A "A Par" que intervém em bairros problemáticos da periferia de Lisboa abriu as portas à reportagem da *Politecnia* que nesta edição dá a conhecer este trabalho já com resultados visíveis no terreno.

46

A cantora de jazz Mariana Norton, estrela da festa do 23.º aniversário do Instituto Politécnico de Lisboa, protagoniza a história de sucesso desta edição. Antiga aluna da Escola Superior de Teatro e Cinema, a jovem actriz da telenovela Vila Faia, frequente, actualmente o 1.º curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa.



54

Antiga presidente do conselho directivo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, a que se manteve ligada durante 38 anos, Maria Amélia Nunes de Almeida faz, na hora da passagem à reforma, um balanço do seu percurso na instituição. "Dei o máximo que me foi possível", diz a docente, autora do livro "Situação da Gestão do Conhecimento em Portugal", editado pelo IPL, com orgulho e o sentimento de dever cumprido.

Sumário

5

Parar Para Pensar

L. M. Vicente Ferreira

6

Ronda das Escolas

Os 250 Anos da Aula do Comércio

Ana Dias

Tecnologia da Saúde na vanguarda

Arlinda Cabral

17

Memória

Fragmentos do Passado no ISEL

18

Empreendedorismo

Poliempreende é êxito no IPL

Clara Santos Silva

Experiência bem sucedida em Maputo

23

O Acontecimento

Jovens actores brilham em Benfica

Paulo Silveiro

28

Para Reflectir

Os portugueses e as reuniões

Pedro Mendonça

32

Profissão

A directora de Marketing da MTV

Vanessa de Sousa Glória

36

Reportagem

Aprender em Parceria

Vanessa de Sousa Glória

46

Histórias de Sucesso

Mariana Norton, cantora e actriz

Clara Santos Silva

54

A Grande Entrevista

Maria Amélia de Almeida e o ISCAL

Paulo Silveiro

60

Estante

As lições de Schwitters Merz

Maria João Serrão

64

Amanhã será notícia

Teatro Virtual on-line

Bárbara Gabriel

66

Tribuna Livre

Jorge Veríssimo

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;
2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;
3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;
4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;
5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;
6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;
7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;
8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;
9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;
10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

POLITECNIA

Ano VIII Número 21 Maio 2009

Director

L. M. Vicente Ferreira

Editor

Orlando Raimundo

Redactores

Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, José Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro, e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia

Bruna Viegas, João Costa, Nuno Faria, Pedro Pina e Sofia Gomes

Correspondentes

Ana Raposo (Tecnologia da Saúde), João Costa (Dança), Lucy Wainwright (Educação), Luísa Marques (Teatro e Cinema), Margarida Saraiva (Teatro e Cinema), Maria João Berkeley Cotter (Contabilidade e Administração) e Cláudia Guerreiro (Tecnologia da Saúde)

Colaboradores Permanentes

António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores

Ana Dias, Arlinda Cabral, Cristina Marques, Maria João Serrão e Pedro Mendonça

Colunista

Jorge Veríssimo

Grafismo e Paginação

Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade

Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade

Estrada de Benfica n.º 529
1549-020 Lisboa

Impressão

Tipografia Peres, Rua das Fontainhas, Lote 2 Venda Nova
2700-321 Amadora

Depósito Legal- 158054/2000

ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:

Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico)

O Estatuto da Carreira Docente e os Politécnicos

A RECENTE proposta de projecto de revisão do Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico, apresentada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, merece de nossa parte algumas considerações, pela relevância que a mesma representa para o futuro do ensino politécnico.

Desde logo importa referir dois aspectos desta proposta que obtêm o nosso apoio:

A revisão de um Estatuto com vinte e sete anos, desajustado à nova realidade e desafios do ensino superior;

A introdução da exigência do grau de Doutor como início de carreira;

Mas há outros aspectos, dos quais queremos destacar três, que pela sua importância poderão condicionar e estigmatizar mais uma vez este sistema de ensino:

1º- O Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico fica refém de uma figura que ainda não se conhece, o Título de Especialista, definida no RJIES para o ensino politécnico, cujo projecto está também, neste momento, em sede de discussão pública. Ou seja, a apreciação em paralelo dos dois diplomas, Estatuto da Carreira Docente e Título de Especialista, se não for bem conjugada e enquadrada numa avaliação prospectiva, poderá resultar numa potencial aberração para o sistema, sobretudo se a figura do Especialista ficar condicionada por factores externos às instituições de ensino.

2º- A manutenção de duas categorias da carreira politécnica parece desajustada da realidade geral da função pública e, em particular, das carreiras universitária e de investigação. Nesta matéria o que esperamos é que o ministro apresente uma proposta alternativa, que salvaguarde o princípio para nós fundamental, consagrado no próprio Programa do Governo, de garantir um Estatuto que "acolha perfis docentes diversificados, mas com equivalência no topo de carreira".



L. M. Vicente Ferreira

Lamentamos que se tenha perdido a oportunidade para a produção de um Estatuto de Carreira Única, solução que se justificava para a racionalização das carreiras da função pública

3º- Por último, uma questão fundamental para o ensino politécnico: o alargamento dos mapas de contratação de professores de carreira. Constatase que, na proposta de Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico, o valor apresentado para os professores de carreira, pelo menos 30%, é insuficiente quando conjugado com o valor para os docentes convidados, que deve ser superior a 50%.

De facto, só com o aumento dos professores de carreira podemos obter nas nossas instituições massa crítica que garanta a sustentabilidade das mesmas nos vários planos de intervenção, em particular no que respeita às componentes pedagógica e científica. Aliás, esta constatação resulta da

análise que fazemos à situação actual das instituições de ensino politécnico, cuja instabilidade deriva em grande parte de um quadro de corpo docente, que em valor médio, por exemplo, no IPL não ultrapassa os 35%.

Há também aspectos importantes quando comparamos os projectos apresentados para os dois sistemas de ensino superior, que não podemos deixar de notar. Em particular salienta-se a questão do vínculo (a chamada "tenure") que resulta no reforço explícito de estabilidade de emprego para as categorias de topo do sistema universitário, matéria que não está contemplada para o sistema politécnico. Não vemos qualquer razão, objectiva ou legislativa, para que tal suceda. Importa, pois, que estes entre vários outros aspectos fiquem também salvaguardados.

O nosso objectivo, neste editorial, não é fazer uma análise exaustiva à proposta de Estatuto da Carreira Docente, dada a exiguidade de espaço de que dispomos. Queremos apenas alertar para alguns dos pontos que julgamos centrais para que o Estatuto da Carreira Docente do Ensino Superior Politécnico saia reforçado e represente uma carreira estimulante e dignificante, em paridade com as carreiras Universitária e de Investigação.

Lamentamos, por isso, que se tenha perdido a oportunidade para a produção de um Estatuto de Carreira Única, solução que se justificava, atendendo até à índole reformista do Governo, para a racionalização das carreiras da função pública. Mas relevamos a disponibilidade manifestada pelo ministro da Ciência Tecnologia e Ensino Superior para rever, com o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos, estes e outros aspectos da proposta do Ministério. Aguardamos, com expectativa, que essa disponibilidade possa produzir um bom Estatuto de Carreira Docente para o Ensino Politécnico.

250 anos
de
história

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa é uma instituição de ensino superior com largas tradições, cuja origem se pode fixar há 250 anos, na Aula do Comércio, fundada em Lisboa pelo Marquês de Pombal. A Aula veio suprir a carência de preparação de comerciantes e empresários, que ali aprenderam regras contabilísticas, pesos e moedas, câmbios, seguros, transporte de mercadorias, comissões e obrigações.

Textos de Ana Dias

EM meados do séc. XVIII, a Revolução Industrial que abalou a Europa, alterou substancialmente os sistemas de transportes e comunicações, induzindo o aparecimento da actividade bancária e seguradora, das grandes empresas e dos grupos económicos. O embrionário sistema de escrituração comercial, então existente, ia dando respostas a estes progressos pelo que a Contabilidade viria, em 1834, em Portugal, a ser, finalmente, confirmada como disciplina de nível universitário, em condições idênticas às da economia e do direito (ciências sociais).

É no reinado de D. José I que, por iniciativa do seu primeiro ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, antigo conde de Oeiras e então já Marquês de Pombal, procurando corresponder ao surto económico que então se viveu no país,

Da Aula do Comércio ao



Sessão solene das comemorações dos 250 anos da Aula do Comércio realizada no ISCAL

se assiste à preparação do Regulamento da Aula de Comércio pela Junta do Comércio (Decreto Real de 19 de Maio de 1759). Assim, há 250 anos nascia a escola pioneira e antecessora de toda a nossa formação/ensino, a Aula de Comércio, antepassado remoto do ISCAL.

A criação da Aula de Comércio tinha por objectivos ministrar lições de aritmética, de pesos e medidas das diversas

praças comerciais, assim como lições de câmbios, seguros e de escrituração comercial, estabelecendo um tipo de ensino que expressava e tinha como objectivo a preparação para profissões comerciais. Terá sido a primeira escola a poder considerar-se estabelecimento de ensino oficial (público) do comércio em cujo currículo a contabilidade mereceu sempre particular destaque.

Instituto Superior de Contabilidade



Petro Pina

Cada curso da Aula de Comércio podia ter até 20 alunos, a que podiam acrescentar outros tantos supranumerários, tinha dois professores titulares e dois núcleos de ensino: a aritmética e a contabilidade comercial. Com a duração de três anos, o curso era ministrado por lentes (leia-se professores) - de que o primeiro foi João Henrique de Souza - sendo frequentado, essencialmente, por filhos de homens de negócios

mas também, por escolares sem recursos (os quais beneficiavam das propinas pagas por vinte escolares, filhos de homens de negócios - princípio da mutualidade).

O primeiro curso teve início a 1 de Setembro de 1759 e o interesse demonstrado foi de tal ordem que o número previsto de 50 alunos foi largamente ultrapassado, facto que mais tarde (em 1765), obrigaria à fixação do *numerus clausus* em 200 alunos.

A partir dessa data vários direitos passaram, então, a ser conferidos aos diplomados da Aula de Comércio. Estabelecendo-se, nomeadamente por Carta de Lei de 30 de Agosto de 1770, que ninguém, nem mesmo os filhos de comerciantes, poderia ser admitido como guarda-livros, caixeiros e praticantes de casas comerciais portuguesas, sem a respectiva Carta de Aprovação conferida pela Aula do Comércio.

250 anos
de
história

Pelo Decreto-Lei nº 327, de 6 de Maio de 1976, os Institutos Comerciais de Lisboa e Porto foram transformados em Institutos Superiores de Contabilidade e Administração. Este Decreto-Lei reconhece os ISCA's como escolas superiores com personalidade jurídica e autonomia administrativa e pedagógica.

O INSTITUTO Comercial de Lisboa, comprovadamente legítimo sucessor da Aula de Comércio, passou então a formar técnicos contabilistas que seriam – como ainda o são – o suporte da actividade contabilística, administrativa e financeira do tecido

Das licenciaturas aos mestrados



empresarial português e foi uma das mais competentes e respeitadas escolas de todo o País.

A partir do ano académico 1998/99, o Instituto passou a oferecer cinco Licenciaturas, denominadas bi-etápicas por se encontrarem divididas em dois ciclos. O 1º ciclo, de três anos, consistia no Bacharelato em Contabilidade e

Administração, o qual, por seu lado, dava acesso ao 2º ciclo, da Licenciatura propriamente dita. Esta tinha a duração de três semestres, com cinco ramos de especialização possíveis: Controlo Financeiro, Auditoria, Fiscalidade, Instituições Financeiras, e Administração Pública. Em 2006/2007, registou-se uma substancial alteração



160 professores e 2500 alunos

O INSTITUTO Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa é uma das oito unidades orgânicas do Instituto Politécnico de Lisboa. O ISCAL dispõe neste ano lectivo 2008/2009 de um corpo docente constituído por cerca de 160 membros e de um número de alunos que ultrapassa os 2500 inscritos.

Entretanto, em cerimónia decorrida nos serviços centrais do Instituto Politécnico de Lisboa, tomaram posse os novos órgãos de gestão do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. A nova presidente do Conselho Directivo é a Doutora Maria Manuela Ramos Fernandes Rebelo Duarte, tendo como vice-presidentes os professores Francisco Luís Ferreira Figueira de Faria e Maria Hermínia d'Oliveira Marques Cândido de Carvalho.



Foto de Bruna Viegas

Os novos dirigentes do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

Foram igualmente empossados, pelo presidente do IPL que presidiu à cerimónia, o Representante do Pessoal não Docente Maria Helena dos

Santos Silva Baptista e o Presidente da Mesa da Assembleia de Representantes professor Jorge José Martins Rodrigues.

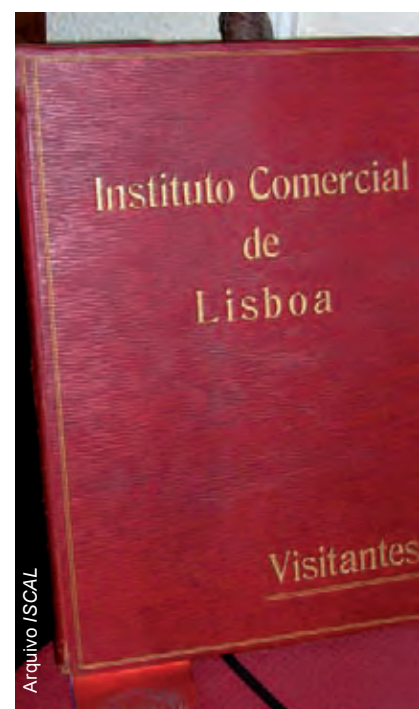
na oferta do ISCAL, que passou a leccionar três licenciaturas diferentes, todas dentro do modelo previsto pelo Processo de Bolonha. Uma das licenciaturas manteve a sua designação habitual - de Contabilidade e Administração -, englobando porém os dois ramos de Fiscalidade e de Gestão e Administração Pública, que se emancipam a partir do 3º semestre. As restantes licenciaturas constituíram uma novidade no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa: uma em Gestão, a outra em Finanças Empresariais. O termo "bacharelato" desapareceu da nomenclatura, sendo o grau de licenciado



conferido aos alunos que completem com aproveitamento os seis semestres dos novos cursos. Outra grande novidade foi a criação de novos Mestrados: em Auditoria, Contabilidade, Contabilidade e Gestão das Instituições Financeiras, Contabilidade Internacional. Além dos quatro Mestrados actualmente em funcionamento no ISCAL, estão também autorizados mais quatro Mestrados, que em princípio, irão funcionar a partir do ano lectivo 2009/2010: em Fiscalidade, Contabilidade e Análise Financeira, Controlo de Gestão e dos

Negócios, Gestão e Empreendedorismo.

É assim com orgulho que o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa prepara o seu futuro



Formação Avançada na Tecnologia da Saúde

A Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, dispõe de um Centro de Formação com a finalidade de gestão e acompanhamento de cursos de formação de curta e longa duração, nomeadamente de actualização tecnológica, científica e cultural, e de cursos de formação pós-graduada conferentes de grau académico. Estes cursos assumem-se como ferramentas necessárias no actual mundo profissional em constante mudança, que implica o desenvolvimento contínuo de competências, numa lógica de formação aprendizagem ao longo da vida.

Texto de Arlinda Cabral

O CENTRO de Formação Avançada (CFA) da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTeSL), constituído por duas unidades estruturais, a Comissão de Gestão Científico-Pedagógica e os Serviços Técnico-Administrativos, é uma estrutura funcional integrada nos Serviços Técnicos e de Recursos Educativos que assegura o planeamento e o acompanhamento técnico-pedagógico e administrativo dos cursos de formação, e desenvolve a sua actividade em articulação estreita com outros serviços da ESTeSL, nomeadamente a Divisão de Gestão Académica, o Gabinete de Audiovisuais e Multimédia, o Gabinete de Logística, o Gabinete de Relações Públicas, entre outros.



No âmbito da concretização dos seus objectivos específicos, o CFA procede igualmente ao levantamento de necessidades de formação, de forma a conhecer as características dos públicos-alvo e as necessidades de formação a dar resposta. Neste contexto, a ESTeSL tem dinamizado e apostado no aumento da sua oferta formativa enquanto área do investimento estratégico adoptado pela Escola.

Ao longo dos últimos 5 anos, o CFA da ESTeSL assegurou a realização de cursos de formação com regularidade, tendo certificado um total de 1.322 formandos (Quadro n.º 1), através de um total de 87 cursos, que representaram cerca 7.000 horas de carga horária total de formação. Vários foram os cursos realizados pelas diferentes Áreas Científicas neste período de tempo, entre os quais: Pós-Graduações em Fisioterapia Cardiorrespiratória; Física Médica e Radiações; Hematologia e Imunohematologia; Administração e Gestão nas Tecnologias da Saúde; Curso Internacional em Incontinência Urinária Feminina; Cursos Práticos Laboratorial de Diagnóstico Genético; PCR em Tempo Real; Curso de Nanotecnologia Aplicada ao Diagnóstico Laboratorial; Curso Ibérico de Gestão de Resíduos Hospitalares; Curso de Proprioceptividade Avançada.

Foram várias as edições programadas do Curso de Suporte Básico de Vida com diferentes destinatários: profissionais de serviços de saúde e de educação; profissionais de segurança; estudantes da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa; público em geral).

DESIGNAÇÃO DO CURSO	ÁREA CIENTÍFICA	DATA DE INÍCIO	DURAÇÃO	
			Horas	ECTS
Pós-Graduação em Segurança e Higiene do Trabalho (homologada pela Autoridade para as Condições do Trabalho - ACT)	Saúde Ambiental	12 Set. 2008	662 h	60
Pós-Graduação em Macroscopia em Anatomia Patológica	Anatomia Patológica	02 Out. 2008	735 h	60
Curso de Técnica de Inquérito - Pressupostos Teóricos e Procedimentos Empíricos	Sociologia, Farmácia e Dietética	04 Out. 2008	45 h	3
Curso de Formação em Fisioterapia na Terapia Intensiva, Ventilação Mecânica Invasiva e Não Invasiva	Fisioterapia	16 Out. 2008	36 h	3
Curso de Suporte Básico de Vida no Adulto	Cardiopneumologia	29 Nov. 2008	7 h	0,5
Curso de Suporte Básico de Vida no Adulto	Cardiopneumologia	13 Dez. 2008	7 h	0,5
4.º Curso Prático Laboratorial de Diagnóstico Genético	Biologia	14 Jan. 2009	44 h	3
Curso de Suporte Básico de Vida no Adulto	Cardiopneumologia	31 Jan. 2009	7 h	0,5
III Curso de Microscopia Hematológica	Análises Clínicas e Saúde Pública	20 Fev. 2009	45 h	3
Curso de Suporte Básico de Vida no Adulto	Cardiopneumologia	21 Fev. 2009	7 h	0,5
Curso de Suporte Básico de Vida no Adulto	Cardiopneumologia	28 Fev. 2009	7 h	0,5
Curso de Suporte Básico de Vida (Estudantes da Faculdade de Medicina Dentária - FMD)	Cardiopneumologia	07 Março 2009	6 h	0,5
Curso em Citometria	Análises Clínicas e Saúde Pública	27 Març. 2009	45 h	2
Curso de Suporte Básico de Vida (FMD)	Cardiopneumologia	28 Març. 2009	6 h	0,5
Curso de Suporte Básico de Vida (FMD)	Cardiopneumologia	04 Abril 2009	6 h	0,5
Curso de Suporte Básico de Vida (FMD)	Cardiopneumologia	18 Abril 2009	6 h	0,5
Totais.....			1.671 h	138,5

Formação ministrada na ESTeSL (ano lectivo 2008/2009)

No presente ano lectivo (2008/2009), e até ao momento, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa contou com a realização de 16 cursos (num total de 1.671 horas de formação), nos quais participaram 215 formandos (Quadro nº1), destacando-se dois cursos de pós-graduação de longa duração.

De momento, o Centro de Formação Avançada da ESTeSL encontra-se a ministrar o Curso de Suporte Básico de Vida aos estudantes do 3.º ano da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lis-

boa, assim como aos sócios da Associação Luso-Brasileira de Higiene Oral, com base nos Protocolos celebrados com as duas instituições. No final do 2.º semestre do presente ano lectivo (2008/09), ainda estão previstos iniciar os seguintes cursos de actualização: Curso de Terapia com Radiofármacos (Medicina Nuclear); II Curso Internacional de Gestão de Resíduos Hospitalares (Saúde Ambiental); Curso de Actualização em Aconselhamento Veterinário em Farmácia Comunitária (Farmácia); Curso de Socorrismo Essencial e Geral (Cardiopneumologia); Curso "QA: Reporting, Evaluating and Preventing Incidents In Radiotherapy Services" (Radioterapia) e Métodos de Investigação ao Biomicroscópio (Ortótica).

No contexto da formação avançada, a ESTeSL apresentou à tutela, em Janeiro de 2009, 5 propostas de cursos de mestrado em diferentes áreas das tecnologias da saúde, encontrando-se a desenvolver a 6.ª edição do Curso de Mestrado em Intervenção Sócio-Organizacional na Saúde, realizado em parceria com a Universidade de Évora.



Formandos certificados pela ESTeSL (2003/2004- 2007/2008)

Politécnico de Lisboa apoia jovens esgrimistas

O Instituto Politécnico de Lisboa apoiou mais uma vez o Circuito Juvenil de Esgrima, cuja 4ª etapa decorreu na Amadora. A iniciativa foi programada para o dia 25 de Abril, e a prova realizou-se nas instalações cedidas pela Academia Militar da Amadora. E a adesão foi grande, denotando um grande interesse pela modalidade e pelo desporto em geral.

Reportagem de Clara Santos Silva (Texto) • Vanessa de Sousa Glória (fotos)



O NÚMERO de praticantes de esgrima rondou os 160, num total de 20 equipas vindas de todo o país. Este ano, o Torneio de Esgrima pôde contar com as equipas dos Açores e da Madeira, que em 2008 não conseguiram estar presentes.

O esforço da organização percebeu-se pela forte divulgação e reunião das melhores condições para a prática da esgrima. As palavras de João Paulino, responsável técnico do Centro de Formação de Esgrima da Escola Secundária da Amadora ressaltaram a já habitual presença do IPL, quer com a oferta de brin-

des aos participantes, quer através da divulgação das suas escolas aos jovens presentes, que se mostraram muito receptivos.

O Professor Paulino vê com tristeza o desporto ser remetido para o papel de “parente pobre” da sociedade portuguesa. O desporto escolar, que bem conhece, base para cativar mais praticantes, diz estar esquecido. Da parte do Governo diz não haver qualquer intervenção em relação ao desporto, que por isso vai decaindo, deixando de ser vista como uma opção pelos jovens. Remete para a falta de praticantes fe-

mininas, em contraste com o índice da população que representam.

Inevitável é o exemplo dos Jogos Olímpicos, nos quais a esgrima ficou aquém das expectativas. Na sua opinião a modalidade está cada vez mais longe desta importante competição, quer pela falta de apoios, quer pela falta de trabalho na alta competição. A realidade dentro da Federação, segundo diz, traduz uma enorme falta de técnicos, restando apenas os treinadores dos clubes. Enquanto assim for, parece-lhe previsível que nos próximos 2 a 3 anos a esgrima não esteja presente nas Olimpíadas.

Educação na linha da frente da lusofonia

SEIS instituições do Ensino Superior, Escolas Superiores de Educação de Lisboa e Viana do Castelo, Universidade de Cabo Verde, Instituto Politécnico de São Tomé e Príncipe, Universidade Pedagógica de Moçambique e Universidade Nacional de Timor Lorosa'e – onde o Português é a língua de ensino, realizaram uma parceria para o desenvolvimento de um projecto de cooperação integrado no programa EDULINK-ACP-EU (Cooperação para o Ensino Superior). Associou-se ainda a esta parceria, a Engenho e Obra (ONGD), da qual a ESELx é sócia fundadora.

O Projecto “Qualificação de Professores em Países Lusófonos” surge no âmbito do programa Europeu EDULINK, cujo objectivo é desenvolver a competência e a integração regional ao nível do Ensino Superior, nos países e regiões ACP-África, Caraíbas e Pacífico e promover o ensino superior como forma de reduzir a pobreza.

O programa coordenado pela ESELx, tem a duração de três anos e apresenta como objectivos fundamentais: a construção de programas de formação contínua de professores, que sejam social e culturalmente específicos destinados ao ensino básico; a elaboração de materiais pedagógicos para os programas; criar e desenvolver uma plataforma de aprendizagem online onde vão ser colocados os materiais pedagógicos produzidos e outro tipo de documentos. Esta plataforma será o veículo de comunicação durante os três anos de duração do projecto. O último objectivo é a construção destes materiais e



A ESELx acolheu os representantes das instituições de ensino superior da lusofonia

programas no melhor consenso possível entre os países participantes.

Realizou-se um seminário na ESELx de 20 a 30 de Abril e na ESEVC de 1 a 14 de Maio, onde os representantes das instituições envolvidas participaram no desenvolvimento de quatro programas de formação contínua de professores: a qualidade na educação e no desenvolvimento; o ensino das ciências; o ensino da matemática; e as tecnologias da comunicação e informação.

Este projecto tem um orçamento de 573 mil euros, dos quais 85% são

suportados pela União Europeia, ficando os restantes 15% a cargo das Escolas Superiores de Educação. A supervisão externa do projecto é feita pela Universidade de Helsínquia, sendo que a coordenação estará a cargo da professora Lurdes Serrazina acompanhada por uma equipa de coordenação permanente que inclui os professores João Rosa e Fernanda Gomes da ESELx e José Portela da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo.

A coordenadora do projecto considera-o muito importante para a ESELx visto que se insere na área da formação de professores, que é a actividade principal da escola o que lhe permite acumular experiências úteis no desenvolvimento dos projectos curriculares.

Outro aspecto importante para a Escola Superior de Educação de Lisboa, é o da projecção da sua imagem como coordenadora de um projecto que se candidatou a um concurso europeu onde só os melhores são escolhidos. Igualmente junto dos quatro países dos PALOP's envolvidos no projecto vai reforçar laços de cooperação.



Fernanda Gomes, João Rosa, Cristina Loureiro e Lurdes Serrazina no decorrer da sessão

Vassouras “invadem” Escola



NUMA iniciativa da Biblioteca da Escola Superior de Teatro e Cinema, considerada por Filipe Oliveira, presidente da escola, “uma força dinamizadora do espaço de exposições”, com o apoio do Círculo Artur Bual, as vassouras de António Moreira alegraram os visitantes e deram asas à imaginação.

Na inauguração originalíssima da mostra, foi grande a afluência ao foyer da Escola Superior de Teatro e Cinema. Um grupo de alunos deu voz e corpo aos textos e encarnou personagens alusivos a cada uma das vassouras em exposição, levando o público a gargalhadas e aplausos.

António Moreira, vereador da Cultura da Câmara Municipal da Amadora, é já bem conhecido da Escola Superior de Teatro e Cinema. Nasceu a 23 de Fevereiro de 1953, em S. Marcos da Serra e concluiu, já em Lisboa, a licenciatura em História pela Faculdade de Letras da

Superior de Teatro e Cinema



O artista, António Moreira, à conversa com a Politecnia na inauguração da mostra



colha teve a ver com o facto de ser um objecto que ao longo dos anos não foi sujeito a qualquer alteração.

Por outro lado, a vassoura é um objecto que se adequa a qualquer tipo de transformação e por isso permitiu-lhe algum tipo de subversão.

A boa disposição reinou, e a satisfação por parte dos representantes da Escola Superior de Teatro e Cinema, do Círculo Artur Bual e de António Moreira era grande.

O director da Galeria do Círculo Artur Bual, Eduardo Nascimento, afirma que nos 30 anos em que está na Amadora, a cultura está cada vez mais presente. O presidente da associação, José Rui, considera o Círculo uma extensão cultural da Câmara Municipal da Amadora. Vê na Escola Superior de Teatro e Cinema a oportunidade de chamar ao concelho a atenção sobre uma área que se perde “num labirinto de Lisboa”.

No mesmo sentido vão as palavras do dirigente máximo da escola, afirmando que “é sempre importante mostrar o trabalho de pessoas atentas, críticas e interventivas, como António Moreira”. Não deixa de se

mostrar satisfeito com a imagem da escola cheia, vendo que o trabalho é partilhado e reconhecido, chegando mesmo a comparar o público com o de outros locais, nomeadamente em Lisboa. Ressalta que na Escola Superior de Teatro e Cinema há sempre muita participação, não só pelos professores, mas também pela comunidade envolvente.

O artista mostrou grande entusiasmo pela recriação dos alunos da escola do Instituto Politécnico de Lisboa para cada uma das suas vassouras, até porque algo tão simples como uma vassoura tem na verdade muitas histórias escondidas e assim, “o texto fica mais claro”. O espírito crítico que o levou a este trabalho sobre vassouras foi o de aguçar a imaginação das pessoas e, aguçou pelo menos a do público que acorreu à Escola Superior de Teatro e Cinema para ver a actuação dos alunos interpretando as histórias que estão por detrás de cada um das vassouras. O artista, António Moreira, mostrou ser um homem da cultura em todas as suas vertentes, e com ele não há lugar para tristezas.

Universidade de Lisboa. É associado ao domínio da Poesia e das Artes Plásticas, tendo já realizado inúmeras exposições individuais e colectivas.

A ideia das vassouras já tem cerca de 5 a 6 anos e, segundo o artista, surgiu de várias hipóteses de trabalho, mas a es-

Pina Bausch inspira desenhos

SEIS desenhos e uma peça em cobre e arame, instigados pela arte da coreógrafa alemã Pina Bausch, preencheram a exposição de Catarina Martins Pereira na Escola Superior de Dança.

A artista, fascinada pelas criações de Pina Bausch, sublinha “a frontalidade, a incessante procura e o seu amor à dança”, que se tornaram a sua fonte de inspiração. A sua intenção é mostrar “como as marcas deixadas pelo movimento corporal são uma linguagem capaz de exprimir sentimentos e ideias”

Catarina Martins Pereira é natural de Lisboa. Cursou Gestão e Administração de Empresas, na Universidade Católica Portuguesa. Posteriormente obteve o diploma em Foundation Studies in Art & Design e o BA em Mixed Media Fine Arte, pela Universidade de Westminster, em Londres. Desde 2005 tem participado em exposições colectivas em Cascais, Lisboa e Londres.

Frequentou, ainda, cursos de movimento, teatro e desenho de modelo. E trabalhou como consultora de sistemas de informação e Web designer.



João Costa

Comemorações do Dia Mundial da Voz



Pedro Pina

A ESCOLA Superior de Música associou-se às comemorações do Dia Mundial da Voz, 16 de Abril de 2009, com uma série de iniciativas que tiveram como objectivo a sensibilização para a importância da VOZ. Pretendeu-se, ainda, a dinamização da comunidade escolar e a abertura das suas novas instalações ao público em geral, que assim pode conhecer de perto as múltiplas actividades que a ESML vem desenvolvendo ao longo dos seus 26 anos de existência.

As comemorações iniciaram-se com uma comunicação apresentada pelo professor Luís Madureira, em que foram enunciados, para além de aspectos anatómicos e fisiológicos do aparelho fonador, os cuidados fundamentais para a manutenção da saúde vocal. Seguiram-se uma série de concertos em que se apresentaram várias formações de alunos e ex-alunos dirigidos por professores e antigos professores da instituição.

As actividades tiveram lugar na Biblioteca, Salas Polivalente e de Interpretação Cénica e no Pequeno Auditório, permitindo ao público fazer uma

jornada por algum do repertório vocal, através da audição de obras de canto gregoriano até à música de hoje. De sublinhar o facto de terem sido apresentadas, por alunos da Licenciatura em Execução, obras de vários alunos de Composição (coordenação do professor Carlos Caires).

Colaboraram nas comemorações o Coro Gregoriano de Lisboa, dirigido pela professora Maria Helena Pires de Matos, o Coro da ESML dirigido pelo professor Paulo Lourenço, alunos de Direcção Coral e de Formação Musical dirigidos pela professora Clara Coelho, alunos de Canto acompanhados a solo pelo professor Francisco Sassetti e dirigidos cenicamente pela professora Sílvia Mateus. Participaram igualmente o professor Luís Madureira e a actriz Teresa Gafeira (do elenco da Companhia de Teatro de Almada), alunos de Jazz (coordenação do professor Pedro Moreira) que se apresentaram em várias formações, e os professores Sílvia Mateus e Nuno Vieira de Almeida que interpretaram as Siete Canciones Populares Españolas, de Manuel de Falla.

Luís Madureira

Exposição “Fragmentos do Passado”

ISEL mostra património Industrial

A exposição “Fragmentos do Passado – Reviver o IIL”, organizada pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, recriou momentos da vida do Instituto Industrial de Lisboa, seu antepassado. Foi mais uma iniciativa destinada a divulgar, junto das novas gerações de estudantes, o património museológico da sua escola.

A EXPOSIÇÃO não interessou apenas aos jovens, fazendo de certa maneira reviver o passado a todos os que dele fizeram parte. A ideia foi prestar um tributo ao Instituto Industrial de Lisboa, instituição de ensino com uma história de século e meio. O IIL abriu um caminho quanto ao nível de excelência e prestígio alcançados pela escola, em Portugal, no ensino da engenharia.

Para a concretização desta exposição desenvolveram-se diversas tarefas como a pesquisa, recolha e tratamento dos bens que fazem parte do património histórico do ISEL. Foi apresentado o ambiente administrativo e académico do antigo Instituto Industrial de Lisboa, cujo enquadramento foi apoiado por documentos, testemunhos de professores e funcionários que desempenharam funções nesse Instituto.

O olhar recaiu sobre um conjunto de instrumentos e elementos bibliográficos que desempenharam o papel de ferramentas pedagógicas e administrativas necessárias ao ensino no Instituto Industrial de Lisboa.

Nesta exposição, o visitante foi convidado a contemplar uma magnífica mostra de instrumentos representativos das diferentes áreas de ensino de Engenharia do antigo Instituto Industrial de Lisboa, o Nível Fennel Kassel, o conjunto Voltímetro e Amperímetro, o Dínamo, o Galvanómetro, o Rádio de Comunicações – Hallicrafters, a Prensa Hidráulica, a Balança de Precisão e o Microscópio Metalográfico.

Alguns dos belíssimos objectos de um posto de trabalho administrativo daquela época, a Remington 31, o Carimbo de Selo branco e outras peças de igual interesse.



Património histórico do ISEL no centro das atenções

Do espólio bibliográfico do Instituto Industrial de Lisboa, puderam ainda ser admirados documentos administrativos e científicos como as publicações periódicas da Revista Ciência e Indústria.

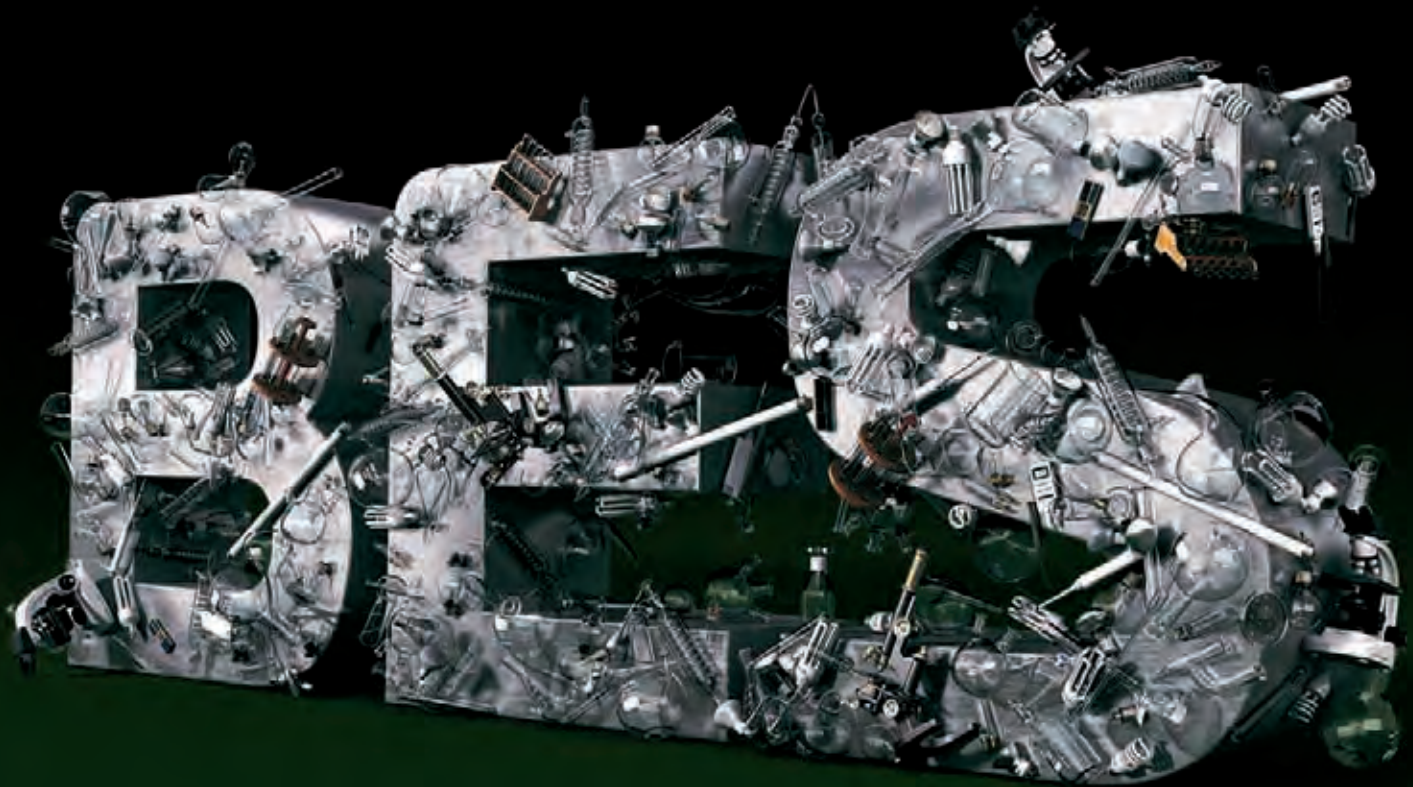
O espólio do IIL não se resumiu aos bens culturais expostos, pelo que

foi proposto a todos os que nos visitaram visualizar uma apresentação.

Esta exposição tem um significado especial, uma vez que, reflecte o trabalho do Serviço de Documentação e Publicações e o apoio que a Instituição está a dar à área de Museologia.

CONCURSO NACIONAL DE INOVAÇÃO BES

5ª Edição: CONCORRA



CANDIDATURAS ATÉ 31 DE JULHO DE 2009
Participar no Concurso Nacional de Inovação BES/TSF é uma boa ideia. Inscreva-se nos sectores da Biotecnologia e Agro-Indústria, Tecnologias de Informação e Serviços, Energias, Novos Materiais e Processos Industriais e Tecnologias da Saúde. Informações e inscrições até 31 de Julho em www.bes.pt/concursonacionaldeinovacaobes

BES CONCURSO NACIONAL DE
Inovação
BANCO ESPÍRITO SANTO



**BANCO
ESPÍRITO
SANTO**
Quem sabe, sabe
e as empresas
que vão mais longe
sabem

Iniciativa do IPL congrega 90 participantes

‘Moviemaker’ vence Poliemprende

O Concurso de Ideias Poliemprende, lançado pelo Instituto Politécnico de Lisboa, obteve a adesão de 90 participantes. Da Escola Superior de Teatro e Cinema surgiu a ideia vencedora do concurso regional. Produzir cinema de horror é a visão de negócio apresentada por Paulo Leite, Diogo Abrantes e Ricardo Feio. A adesão por parte de todas as escolas do IPL, mostra o interesse do concurso e o trabalho dos representantes de cada uma delas na sua divulgação.

Texto de Clara Santos Silva • Fotos de Bruna Viegas



Cartazes de dois dos projectos apresentados pelo vencedor do Concurso de ideias, Paulo Leite

A APRESENTAÇÃO dos projectos finalistas ao júri do Concurso Regional de Ideias decorreu com grande empenho por parte dos futuros empresários depois de percorrido um

longo processo para o desenvolvimento das ideias iniciais.

De todo o percurso resultaram oito propostas efectivas de planos de negócio, submetidas a júri no mês

de Maio. Do júri, presidido por Vicente Ferreira, presidente do Instituto Politécnico de Lisboa fizeram parte Rita Seabra e Luz Pimentel do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias



Paulo Leite, docente da ESTC, apresentando ao júri o projecto vencedor: "Moviemaker"

Empresas e à Inovação, Ana Cristina Dias da BDO, empresa de auditoria, e Walter Palma da Caixa Geral de Depósitos, que ouviram atentamente as apresentações conduzidas pelos jovens empreendedores.

A deliberação final do júri deu-se cerca de uma semana depois e o primeiro classificado foi o projecto de professor e dois alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema. A produtora Moviemaker, na pessoa do produtor criativo, Paulo Leite mostrou, com um discurso confiante e dados fundamentados, que o cinema de horror em Portugal é uma oportunidade de negócio por explorar. Licenciado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, onde, actualmente lecciona, Paulo Leite conta com uma vasta experiência na área de produ-

ção. No projecto participam alunos finalistas da Escola Superior de Teatro e Cinema, Diogo Abrantes e Ricardo Feio cuja função será a de escrever argumentos para a produtora.

O plano de negócios apresentado foi considerado o melhor pela antevi-

Paulo Leite mostrou, com um discurso confiante e dados fundamentados, que o cinema de horror em Portugal é uma oportunidade de negócio por explorar

são que faz do negócio e respectiva fundamentação. O júri chegou a colocar algumas dúvidas acerca da visão da produtora, até porque inicialmente

a ideia de produzir filmes de violência não parecia um conceito ao qual estivéssemos habituados, mas certo é que ficou provado reunir as melhores condições para ser o vencedor e estar presente na reunião do júri nacional, no dia 10 de Julho.

O aluno de mestrado do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, Pedro Henriques deu a conhecer o projecto Wireless Solutions. Fornecer serviços de consultadoria especializada na área de computação móvel, é a ideia principal do plano de negócio apresentado. A oportunidade que o jovem empreendedor lê no mercado é o potencial que considera existir no desenvolvimento de serviços móveis, nomeadamente nas soluções de pagamento móvel.

Também do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa saiu o terceiro classificado, Fábio Ferreira, actualmente a frequentar o curso de mestrado em Engenharia Informática e de Computadores. O projecto Adomuns consiste no conceito de uma casa inteligente, na qual estejam integrados todas as componentes da Domótica (segurança, conforto e economia energética).

Os mentores dos projectos apresentados fizeram do suporte digital a sua ferramenta mais ilustrativa, defendendo com garra e convicção as suas opções.

As ideias apresentadas dividiram-se pelas mais variadas áreas e foram desde as tecnologias de informação, passando pela saúde, produção de filmes com violência contextualizada e promoção de artesanato urbano.

Até à data de apresentação dos projectos ao júri regional, os participantes passaram por várias fases, uma delas foi a formação para o desenvolvimento da ideia. A iniciativa decorreu em dois locais: no ISEL, onde se reuniram 20 participantes deste Instituto, do ISCAL e da ES-TeSL, e na ESCS os inscritos das restantes escolas, num total de 70.

Esta formação procurou fomentar em cada participante o espírito empreendedor, mostrando-lhes como se detectam oportunidades e se geram ideias de negócios. Para além de dar



Os membros do júri (da esquerda para a direita): Ana Cristina Dias, Walter Palma, Vicente Ferreira, Luz Pimentel e Rita Seabra

a conhecer aos candidatos como os empresários trabalham na vida real, e o que os potenciais financiadores de negócios desejam ver num empreendedor ajudando-os no desenvolvimento do negócio.

Após esta etapa formativa foram apresentados 18 projectos de ideias inovadoras.

O júri regional reuniu e considerou que 17 ideias tinham condições para avançar para o desenvolvimento do plano de negócios, a fim de serem apresentadas ao concurso regional. Uma delas, devido ao seu estado avançado de desenvolvimento, foi apresentada na plataforma FINICIA e considerada em condições de ser apresentada a uma Business Angels pelo IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas), para ser financiada e apoiada no seu desenvolvimento.

A etapa seguinte do concurso permitiu dar formação aos potenciais empresários para que pudessem trabalhar as 16 ideias e desenvolver de forma adequada os seus planos de negócio.

A equipa por detrás do Concurso Regional de Ideias é liderada pelo

professor Costa Pereira, da Escola Superior de Comunicação Social, que considera que, para o primeiro ano, foi boa a adesão. Acrescentando no entanto que “será possível, em próximos anos aumentar significativamente este número, uma vez que estamos perante um universo superior a 15 mil pessoas”, onde se

incluem estudantes, docentes e antigos diplomados.

O 6.º Concurso Poliempreende, Projectos de Vocação Empresarial, terminará no dia 10 de Julho, data em que os projectos vencedores dos concursos regionais se apresentarão perante o júri nacional, presidido por José Manuel Torres Farinha.

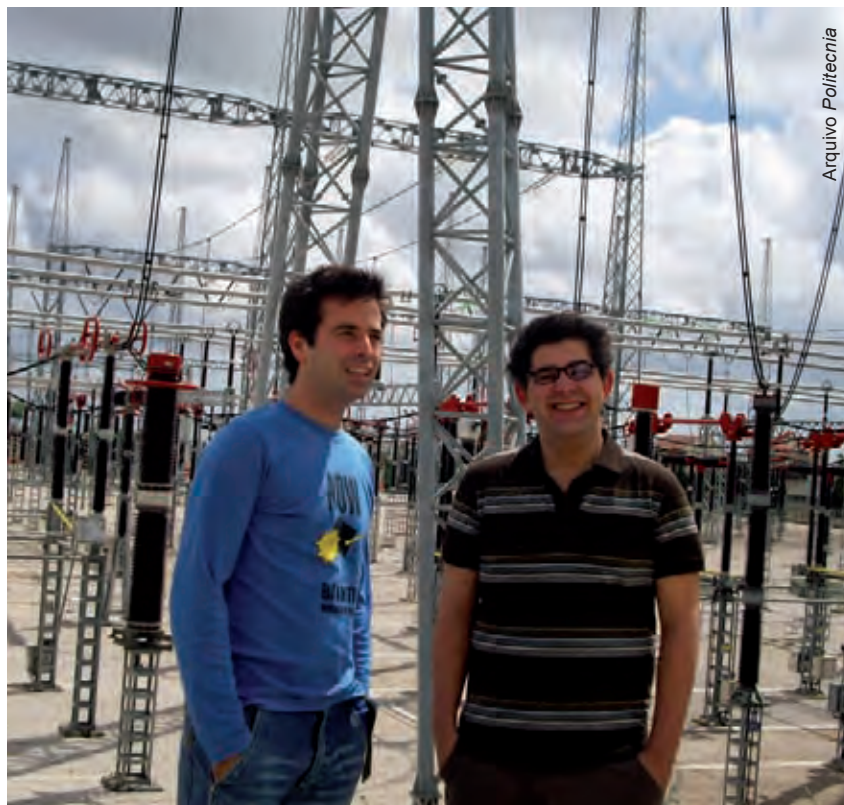


Uma experiência bem sucedida

ANDRÉ Vales e Miguel Graça Santos, os mestrandos do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa que participaram em Maputo, com o apoio do Instituto Politécnico de Lisboa, no Congresso Luso-Moçambicano de Engenharia, falam aqui dessa experiência. Os dois jovens engenheiros investigaram e desenvolveram – recorde-se – o projecto designado Qualidade de Energia Eléctrica – optimização em número de cavas de tensão em linhas aéreas de muita alta tensão”, sob orientação do professor Manuel de Matos Fernandes. Eis o seu testemunho:

"A nossa ida a Moçambique foi bastante enriquecedora em vários níveis: profissional, social e pessoal.

A apresentação do artigo foi um sucesso pois atingimos o nosso maior objectivo que foi estabelecer contactos com a Electricidade de Moçambique, a empresa responsável pela exploração do serviço público de Produção, Transporte e Distribuição de energia eléctrica de Moçambique (EDM). Fomos abordados por um grupo de engenheiros que trabalham na EDM na área das protecções, pois estes mostraram grande interesse no estudo por nós realizado devido à quantidade de descargas atmosféricas serem em maior número do que em Portugal representando assim um problema maior e o facto de apresentarmos soluções com um investi-



Arquivo Politécnica

André Vales e Miguel Graça Santos referem o apoio do IPL no seu projecto

mento bastante reduzido face à total instalação de uma linha de transmissão de energia é um factor a ter em conta devido à realidade em que Moçambique se encontra. Ficámos com o contacto destes colegas tendo assim um canal aberto de comunicação, quem sabe, para futuras parcerias.

Ficámos hospedados em casas de amigos o que foi uma mais-valia porque assim tivemos uma integração mais fácil ao ambiente estranho que encontrámos, devido às diferenças culturais tais como, regatear o preço do Táxi, antes de arrancar, e aconselhamento de locais a visitar e precauções a ter na rua principalmente na baixa da cidade.

Na nossa estadia em Moçambique tivemos a oportunidade de ir fazer um Safari à África do Sul no Parque Nacional Kruger tendo este a maior área de conservação de fauna bravia da África do Sul, com uma extensão de cerca de 350 km de norte a sul e 60 km de leste a oeste cobrindo assim cerca de 20 000 km². Resumidamente foi a nossa experiência em Moçambique, claro que o que vimos, ouvimos e cheirámos ficará para sempre na nossa memória de uma forma inexplicável pois não somos romancistas, somos engenheiros sensíveis ao mundo que nos rodeia e foi isso que nós trouxemos: sentimentos e experiência.

PUBLICIDADE

Sob o signo fantástico da magia

Estudantes de Teatro e Cinema brilham no palco de Benfica

A companhia de teatro Magia e Fantasia foi criada em 1995, sendo dirigida actualmente por Paulo Lage, aluno do curso de mestrado em teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema. Esta companhia tem uma relação já antiga com a escola da Amadora, uma vez que vários alunos já passaram por ela. De 3 a 25 de Abril a companhia, com um elenco totalmente constituído por alunos da ESTC, esteve no auditório Carlos Paredes em Benfica, onde apresentou a peça “Loucos por Amor” de Sam Shepard.

Textos de Paulo Silveiro • Fotos de Bruna Viegas



O Acontecimento

APESAR de possuir uma ideia muito pessoal sobre o teatro, Paulo Lage considera importante possuir um curso académico, mesmo que seja numa área artística. Foi por isso que tirou a licenciatura em formação de actores e encenadores na Escola Superior de Teatro e Cinema em 2005/06, frequentando actualmente o 2º ano do mestrado em encenação. De todas as escolas de teatro existentes no país, o actor e encenador, considera a Escola Superior de Teatro e Cinema a que prepara melhor os alunos para a carreira artística. Para além de ter tido a oportunidade de aprender com mestres como Eugénia Vasques, e Natália de Matos, que lhe transmitiram o espírito do teatro, a escola artística do IPL, proporcionou ao encenador experiências internacionais através de programas e acordos.

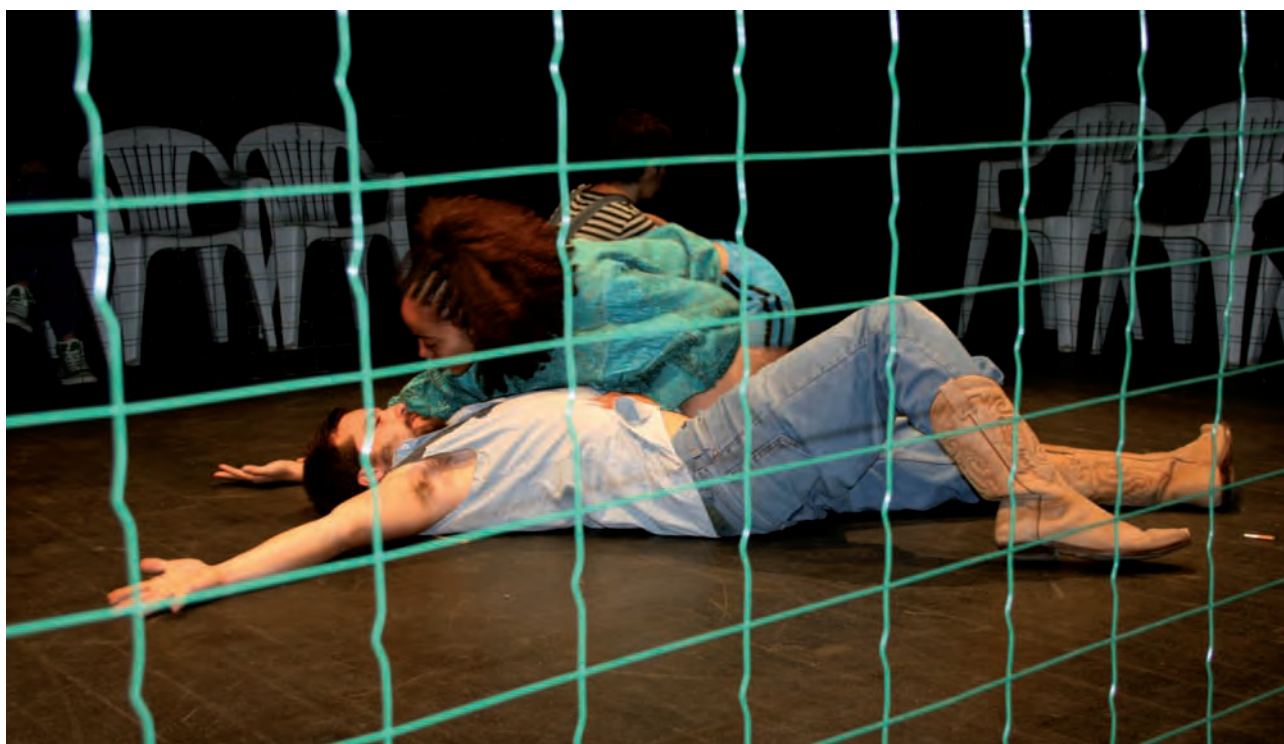
A companhia que dirige, sempre possuiu uma forte componente de alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema, isso é explicado pelo conhecimento que Paulo Lage tem dos alunos que frequentam a mesma. Ele acredita na formação que a Escola dá aos futuros actores, sendo nesse universo que realiza a selecção para o elenco da companhia.

Para o encenador, o fundamental



no trabalho do actor é a formação que acumulou e conseguir aplicar esses conhecimentos. Questionado sobre o aparecimento de muitos jovens acto-

res que fazem essencialmente novelas, Paulo Lage considera que muitos vivem apenas da sua imagem. Tudo se complica quando passam dos trin-



ta e cinco anos, como não possuem uma base de aprendizagem, acabam por desaparecer do meio artístico. Com o avançar da idade as personagens vão sendo cada vez mais complexas e exigentes, e para as encarnar é preciso uma técnica corporal e respiratória que só se aprende nas escolas de teatro.

Paulo Lage é um acérrimo defensor do teatro, para ele a representação é no palco. Não gosta nem vê televisão, o que ela transmite é ruído básico que cansa mas não mexe com as pessoas.

O teatro é encarado, pelo encenador, como uma catarse espiritual, mexe com a cabeça das pessoas, o público vem ver as peças porque quer comprar um sonho. A missão do teatro é transmitir uma mensagem, fazendo com que as pessoas pensem.

O estudo dos conflitos do Homem é um tema pelo qual Paulo Lage se interessa muito. Adora reflectir sobre as relações problemáticas e conturbadas entre as pessoas. O seu primeiro trabalho de encenação foi "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" que reflecte o domínio e o poder que as pessoas exercem umas sobre as outras, seguiu-se "As Criadas" de Jean Genet que focava a mesma problemática.

A ideia de encenar a peça "Loucos por Amor" resultou da necessidade de, no âmbito do mestrado, apresentar um texto. Paulo Lage já pensava trabalhar com os alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema João e Cheila. Em todas as representações que viu da peça do Sam Shepard, a personagem May era sempre encarada como uma mulher loira, a própria Catarina Furtado pintou o cabelo de loiro quando interpretou a personagem. Para Paulo Lage no teatro não há raças, o teatro como Peter Brook o faz, não tem cor, o que interessa é o que o actor trabalha. O seu espírito rebelde levou o encenador a cortar com os estereótipos que têm sido feitos até agora. Assim nasceu a versão "Loucos por Amor" como Paulo Lage a idealizou, com uma May de tez escura que realiza uma interpretação fantástica.

Pode um actor viver só do Teatro?



A RESPOSTA à questão que consiste em saber se um actor pode viver só do Teatro e de difícil resposta, mas Paulo Lage não hesita em dizer que sim. Um actor pode trabalhar noutras áreas, mas só se assumir que gosta de o fazer, e não como uma forma de ganhar dinheiro. Um actor de teatro tem de interiorizar que pertence a uma classe que sobrevive, mas não pode aspirar a uma vida de luxos. Mas o teatro tem que ser feito para o público, tem de tocar nas pessoas, e os encenadores têm que ter essa

preocupação de atingir vários públicos e não encenarem só textos underground destinados a elites teatrais.

Paulo Lage apresenta o exemplo do Filipe La Féria que, durante muitos anos, fez um teatro muito específico. Actualmente o autor, encenador e cenógrafo tem uma indústria de entretenimento que gera receitas que lhe permitem uma posição de destaque no teatro português. Para Paulo Lage isso não lhe retira o valor, ele é um homem do teatro e é muito bom no que faz.

O papel do Estado na criação de empregos

JOÃO de Brito, Cheila Lima, Tiago Nogueira, alunos do 2º ano do curso de teatro, ramo actores, e Carlos Malvarez já licenciado em teatro, comungam da opinião do seu encenador segundo a qual, o Estado tem que ter um papel mais interventivo na empregabilidade dos alunos que terminam os cursos da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Nem todos os alunos têm a oportunidade de, como eles, conhecerem um encenador que aposte neles e os ponha a actuar num palco. Mas apesar de gostarem de fazer teatro, os alunos não excluem a possibilidade de actuar em noutras áreas, como o cinema ou a televisão. No fundo sentem-se preparados para representar onde e quando for necessário, sempre com a qualidade que o público merece. A própria Escola Superior de Teatro e Cinema já está a adaptar-se às novas exigências do mercado de trabalho, assim, no âmbito de protocolos com a Universidade Lusófona e com a Cinemateca, os alunos do curso de teatro, podem frequentar um ateliê de cinema e televisão. Existe igualmente a possibilidade dos alunos realizarem um seminário de casting.

Quando confrontados com as qualidades que um actor deve possuir para singrar no meio artísticos, os alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema



Os criadores do espectáculo (da esquerda para a direita) Carlos Malvarez, Cheila Lima, Paulo Lage, João de Brito e Tiago Nogueira

entendem que possuir um físico atractivo não basta, é necessário talento e formação. Por outro lado o teatro e a televisão são distintos, esta última aposta mais na imagem, por isso escolhe as pessoas esteticamente belas, só posteriormente surge a necessida-

de de elas adquirirem formação. Hoje podemos verificar que a maioria dos actores adolescentes de séries como os "Morangos com Açúcar" fica pelo caminho, porque esgotam a sua imagem rapidamente. É fácil aparecer mas é difícil permanecer.

As crianças e o mundo mágico do teatro

A COMPANHIA de Paulo Lage possui um largo historial no teatro infantil. Desde o ano da sua fundação, em 1995, com o projecto "O Teatro Vai à Escola" que a "Magia e Fantasia" tem apresentado várias peças destinadas ao público mais jovem. O encenador considera o teatro infantil muito importante para as crianças, enquanto espectadores, mas tem dúvidas em utilizá-las como actores. Paulo Lage reconhece não possuir conhecimentos pedagógicos para dirigir crianças. O teatro é feito de memórias e experiências e um jovem de ter-



na idade não possui nenhuma das duas. Já como espectadores as crianças têm um grande interesse pelos espectáculos, desde que eles sejam dinâmicos, e sejam repletos de cor, sons e movimento. Eles encaram o teatro como um mundo mágico onde, ao contrário da televisão, as personagens são de carne e osso. O próprio comportamento das crianças evoluiu ao longo dos anos. Quando Paulo Lage começou a fazer teatro infantil apresentavam-no como "vêm aí os palhaços", hoje isso não acontece, o público jovem já tem a noção do que é o teatro.

O Teatro, os públicos e os subsídios

OS ALUNOS da Escola Superior de Teatro e Cinema entendem que o teatro, para subsistir, deve abranger todo o tipo de público, passando pelo teatro comercial e acabando no experimental direccionado a uns espectadores mais exigentes e especializados.

A questão dos subsídios é muito controversa, os alunos reclamam mais apoios do Estado para ingressarem nas companhias teatrais estatais, mas eles próprios têm que organizar-se criando companhias próprias e re-alizando o seu próprio espectáculo.

Por outro lado nota-se a falta de público no teatro. As razões disso acontecer não são óbvias, será falta de cultura, os bilhetes são caros, ou as pessoas são comodistas?

Os alunos entendem que é um pouco de tudo, mas continuam a apostar no teatro porque, no fim de contas, têm um imenso prazer no que fazem, e isso conta muito.

O teatro não pode estar sempre à espera da sopa dos pobres, a mentalidade tem de mudar. É o teatro que tem de ir ao encontro do público, as companhias têm de percorrer o país propondo a venda dos seus espectáculos junto das câmaras municipais.

Mas segundo Paulo Lage o Estado deveria ter a preocupação de ajudar as companhias, no sentido de rentabilizar o investimento que fez na formação dos alunos. Sim porque fica caro, e somos todos nós que pagamos com as receitas provenientes dos impostos, formar um actor de teatro. Na opinião do encenador, os teatros do Estado deveriam empregar



os alunos saídos das escolas artísticas públicas e não é isso que acontece. De onde vêm esses actores que ocupam os lugares que deviam estar

preenchidos pelos alunos da ESTC e das outras escolas?

É esta a pergunta que Paulo Lage gostaria de ver respondida, pelos produtores responsáveis pelos contratos. Porque, segundo o encenador, o público português não é estúpido, e não vai ver um espectáculo só porque aparece a figura X ou Y. As pessoas vão ao teatro para ver qualidade, e quando ela não está presente os teatros acabam as temporadas antes do tempo previsto. Segundo o encenador é necessário separar o trigo do joio, e isso acontece quando os actores se afirmam pela qualidade do seu trabalho e não pela sua imagem mediática.



A equipa entende que o Estado devia conceder mais apoio à procura do 1.º emprego

Tempo não é elástico!

Os portugueses passam demasiadas horas em reuniões

Os Portugueses não são pontuais e olham para o tempo como um elástico que estica em função do contexto. No nosso País, os quadros dirigentes convivem bem com a falta de planeamento e têm pouco respeito pelo tempo e os compromissos dos outros. Inquérito recente em que participei confirmou-me muitas das conclusões que a percepção da vida nos vai ensinando.

Textos de Pedro Mendonça



O PORTUGUÊS (que é meio mouro...) não é pontual e olha para o tempo como um elástico que estica em função do contexto. E nunca se sente responsável por esses atrasos; o culpado é sempre “o outro”. Ouvi uma vez um Colega queixar-se amargamente do corte de horas de aula, por virtude do Processo de Bolonha; esse Colega chegava sempre atrasado à aula, 15/20 minutos (o “famigerado” quarto de hora académico...): se multiplicasse esse tempo pelo número de aulas do semestre, chegaria facilmente ao número de horas que reivindicava... Aliás, temos um fado

“Uma reunião à portuguesa é parecida com o cozido: faz-se numa enorme panela que tem lá tudo, mas misturado, que ferve em pouca água. São longas as reuniões portuguesas, como são as digestões do cozido.”

Vítor Serpa, A Bola em 16-4-94

que diz, na sua letra: “eu não fui o culpado, eu não tenho nenhum pecado, o culpado foi o destino”...

Na maioria das situações, as convocatórias dizem, preto no branco, “reunião pelas x horas” em vez de referirem “às x horas”.

O Quadro português é avesso ao planeamento ou convive bem com a falta de planeamento. Muitas vezes (o Inquérito acima citado refere 50% das vezes...), as reuniões não têm agenda e, quando a têm, é apenas uma vaga base de orientação...E ninguém considera isso importante; mais, se alguém protestar,

A condução da reunião

NÃO é condutor de reunião quem quer, nem deve ter essa função aquele que tem mais alto estatuto. As principais dificuldades são o recurso ao seu estatuto, “puxando pelos galões”, Truque, fazer “rodar” o condutor da reunião; a desconfiança em relação aos grupos (é lento, mata a responsabilidade, não participam); e o “empurrar a agenda”, impondo tempos e recorrendo a “receitas”.

O papel do condutor da reunião deve ser o de preparar reunião, definir objectivos e local/data/hora, prever tempo e cumprir e regular a dinâmica do grupo. Esta última função passa por facilitar a palavra e assegurar que todos sabem o seu papel, gerir faladores/tímidos, controlar os fortes e proteger os fracos, escutar/reformular, efectuar sínteses, recentrar nos objectivos, gerir o tempo. Após a reunião, o condutor deve, ainda, assegurar a feitura da acta e seu seguimento, garantindo a execução do que nela foi decidido.

Todos estes papéis demonstram que não tem que ser o mais competente ou de maior categoria hierárquica a dirigir a reunião. A rotação nessa função, especialmente em reuniões ditas “institucionais”, seria formativa e ajudaria os participantes a “crescerem”.

Haverá ainda que preparar o check-list, para verificar a indispensabilidade de todos os presentes na reunião: As dúvidas associadas são a de saber se alguém pode ser “libertado” para outras tarefas? se a informação



para a tomada de decisão está dispersa por várias pessoas?, se a implicação deles é indispensável?, se a sinergia do grupo contribui para a qualidade? e se o confronto de pontos de vista é útil?

O local da reunião deve ser arejado, não com cadeiras confortáveis (!), isolado, sem telefones e com um álbum seriado que permita a tomada de notas que todos os participantes possam acompanhar

O local da reunião deve ser arejado, não com cadeiras confortáveis (!), isolado, sem telefones e com um álbum seriado que permita a tomada

de notas que todos os participantes possam acompanhar. A mesa ideal: sociológica (que permite que todos se vejam uns aos outros).

Toda a sala de reuniões deve ter um relógio, de preferência com o cronómetro usado no basquete, a contar o tempo que falta...

Porque não um pequeno-almoço de trabalho, em vez do almoço? Não corta o dia de trabalho, é rápido, discreto, come-se menos, fala-se mais e é mais económico.

Porque não utilizar mais a video conferência?

Por último, haverá que acautelear a avaliação da reunião. Regularmente deve ser distribuído um impresso que recolha a opinião acerca da forma como ela decorreu e que divulgue os seus resultados.

é considerado um “troublemaker”...

O Quadro português tem muito pouco respeito pelo tempo e compromissos dos outros. O professor, o quadro médio e superior, o médico, o juiz, o dirigente português, encaram com

bonomia qualquer atraso e integram-no naturalmente nas suas obrigações. E isso reflecte-se também no incumprimento generalizado de prazos.

Este “fado”, que nós podemos caracterizar com um “somos assim

mesmo”, pode ser modificado. Não é uma questão de feitio e sim de hábito! Temos de pôr de lado o “porreirismo nacional”! Se, culturalmente, é “chic” chegar atrasado, um Presidente ou Director-Geral pode lançar a moda in-



Para que servem as reuniões?

- ➔ Para tomar decisões que exigem o confronto de ideias
- ➔ Para a informação circular (explicar situações complexas, encontrar soluções em conjunto, dúvidas logo esclarecidas)
- ➔ Por razões psicológicas; somos primatas e vivemos em grupo; muitas vezes, só em reunião sentimos que fazemos parte de uma organização
- ➔ Para implicar os outros nas decisões
- ➔ Para fazer crescer as pessoas e as organizações (é um modo de formação e instrumento privilegiado para a melhoria contínua).
- Por isso sugiro que o condutor da reunião rode, regularmente

versa na sua organização, como marca de seriedade, rigor, profissionalismo e responsabilidade. E há organizações em Portugal que o conseguiram. Por exemplo, conheço uma em que, reunião marcada para as 10H00, significa culturalmente chegar ao local às 9H45. A Directora de Recursos Humanos da Ikea diz que os portugueses são tão pontuais como os suecos...

Um reunião eficaz é aquela em que os objectivos previamente estabelecidos, foram atingidos num mínimo de tempo e com satisfação dos participantes.

As reuniões são indispensáveis

ao processo de tomada de decisão, mas não constituem o melhor foro para as tomar. Passaram a fazer parte do "sistema de mérito" da or-

***Lei da dilatação dos corpos:
a duração de uma reunião
aumenta com o quadrado do
n.º de pessoas***

ganização (as pessoas sentem a sua importância em função do número e natureza das reuniões para que são convocadas). Pior ainda se essas reuniões têm um nome!

Deveria ser obrigatório determinar sempre o custo de uma reunião, para se poder fazer a análise custo-benefício, isto é,

$$\text{Valor/hora} = (\Sigma \text{remunerações mensais dos participantes}) \times 14 + 24,25\% \text{ dos encargos com a Segurança Social} + 100\% \text{ (para se terem em conta os custos de estrutura) e depois dividir por 220 dias úteis de trabalho e dividir novamente por 8 horas diárias de trabalho}$$

Uma reunião eficaz não deve ter mais de 10/12 pessoas; o número ideal é 7. Abaixo de 5 é pobre, acima de 10 é multidão, tem tendência

a “partir-se” e exige muito esforço ao condutor. Acima de 15 pessoas “deveria ser proibido”!

A escolha das pessoas presentes deve ser cuidadosa e ter em conta os critérios seguintes: Conhecimento do assunto, interesse na solução, diversidade de pontos de vista, abertura de espírito/liberdade de

Em Portugal é “chic” chegar atrasado...

expressão.

Repare-se que não estou a falar das regras do Código de Procedimento Administrativo; estou a falar de regras de eficácia. O Código foi elaborado numa época em que não havia computadores, gravadores e havia muito tempo disponível, muitas horas/homem disponíveis...

*Professor-Adjunto do ISEL
(Departamento Engenharia Civil)

Seis regras para uma boa reunião

- ✓ Começar à hora. O Português não é pontual. Provavelmente só em português existe a expressão “fazer horas”; em compensação os ingleses dizem “saving time” Sugiro o “truque” de marcar hora inusitada, tipo, 10H15 em vez de 10H ou “Penalidades” (consoante a cultura da organização, tipo “pagar os cafés” a todos ou mesmo uma multa de n e) para quem chega atrasado, uma cadeira a menos... Nunca, mesmo nunca se deve esperar pelos atrasados, que seria punir os pontuais e premiar os atrasados.
- ✓ Acabar à hora. É uma questão de respeito pelo tempo e compromissos dos outros. Nunca marcar uma reunião curta para o meio da manhã ou tarde; têm sempre tendência para se prolongar.
- ✓ Nunca reuniões superiores a 1H30. Ao fim de 1H30 já não temos “posição na cadeira”... E essa 1H30 deve ter 3 fases: arranque, rendimento e afrouxamento
- ✓ Sem interrupções, de dentro ou de fora. Por exemplo, proibir o telemóvel!
- ✓ Não sair da Agenda. O que quer dizer que toda a reunião deve ter uma agenda (obriga a preparar e incita à preparação). Uma reunião sem agenda é uma conversa de café ou uma reunião “manipuladora” (quem a convocou é que sabe o que se vai passar...)
- ✓ Acta no final. Não há prémios literários para a melhor acta. Deve ser sintética, nunca superior a uma página; tem duas finalidades: recordar e responsabilizar.



Marta Caeiro: Directora de Marketing

A MTV foi o seu “dream project”

Fascinada desde cedo por televisão. Marta Caeiro, em pequena preferia os jingles publicitários das bombocas e da coca-cola aos desenhos animados. Estudou Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social e trabalhou, durante cinco anos, como Account Executive numa agência publicitária. Em 2008 assumiu o cargo de directora de marketing do canal televisivo MTV Portugal.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Clara Santos Silva

APAIXONADA por marcas, televisão e música, Marta Caeiro é, aos 29 anos, Directora de Marketing do canal de música e entretenimento MTV Portugal, que considera o “Dream Project” que conseguiu realizar. O curso de Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social foi a sua primeira opção. Foi aluna do Erasmus, estudou durante um ano na Glasgow Caledonian University, na Escócia. Uma experiência que descreve ter sido “inesquecível e uma grande aventura”. Por lá aprendeu outras formas de comunicação e fez “grandes amizades” que ainda hoje se mantêm.

Ao regressar a Portugal Marta Caeiro iniciou a carreira profissional em publicidade. Desempenhou funções de account executive numa agência publicitária. Trabalhou com clientes de diferentes mercados, desenvolveu campanhas distintas desde o produto financeiro, ao relógio ou até mesmo uma causa social.

No ano passado trocou a publicidade pelo marketing. Ser directora de marketing do canal televisivo MTV é, como faz questão de dizer, o seu “Dream Project”. Um sonho antigo tornado realidade. Já na adolescência recorda-se de ter o hábito de gravar os videoclips dos seus artistas preferidos emitidos pelo canal de música. “Ver a MTV, nessa altura, era como conviver na casa dos artistas que eu tanto idolatrava”, diz Marta Caeiro que, nunca imaginaria, anos mais tarde, fosse a directora de marketing do canal. Desde mui-





Marta Caeiro no evento que comemorou os cinco anos da MTV em Portugal

to cedo que gostaria de trabalhar na área da comunicação.

O dia-a-dia na MTV é encarado como um desafio constante. Apesar de grande parte da programação do canal ser composta por vídeos musicais, o canal também emite séries de ficção, reality shows, concertos ao vivo e programas sobre a vida social dos artistas, uns fazem parte da programação internacionalmente, outros são produzidos em Portugal. Chegar a um público-alvo jovem, entre os 15 e os 30 anos, exigente e selectivo, é o grande objectivo de Marta Caeiro.

Nos tempos que correm o universo da MTV não se restringe apenas à televisão, “é uma marca construída a 360º. A internet (site e redes sociais), telemóvel, e os eventos on the ground, completam esta estratégia 360.º”, explica a directora de marketing que, nunca imaginou que, em doze meses, desenvolvesse projectos tão únicos e inovadores que não irá esquecer. O evento do 5.º aniversário da MTV Portugal, no ano passado, foi exemplo disso. Numa experiência para mais tarde recordar, artistas, convidados e vencedores de passatempos do canal, comemoraram, com muita música,

a 30.000 pés de altitude, a bordo de um avião, rumo a Barcelona, os cinco anos de emissão do canal de música. “MTV On Board- 5 Years

on Air”, assim se chamava o evento que contou com a participação do DJ, Felix Da Housecat, um histórico da música electrónica que tocou a



A MTV Portugal assinalou o Dia dos Namorados com uma emissão especial



bordo. Para Marta Caeiro a aventura ajudou-a a ultrapassar o medo de viajar de avião, e, para a festa de aniversário deste ano, promete algo mais surpreendente, embora não possa ainda revelar pormenores.

Já por terra, no centro histórico de Lisboa, a MTV associou-se à Fiat para o lançamento do Fiat 500. Música, cor e animação foram os ingredientes deste evento que depois teve continuidade na maior street party de Portugal na Rua do Norte, no Bairro Alto.

Para assinalar o dia dos namorados e mostrando que “o amor na MTV está sempre em Play”, a dinâmica directora de marketing, Marta Caeiro, organizou um evento, intitulado “Play Love”, onde vários casais de namorados se juntaram para disputar o melhor beijo. O casal “sobrevivente” e vencedor fez de mupi humano experimentando, durante uma tarde, ininterruptamente, nos Armazéns do Chiado, diferentes tipos de beijos.

Da sua passagem pela Escola Superior de Comunicação Social Marta Caeiro recorda as “excelentes condições técnicas e os equipamentos existentes para aprendizagem: estúdios de televisão, câmaras de filmar e máquinas fotográficas que podia alugar e o laboratório de revelação de fotografia”. A jovem directora de marketing, Marta Caeiro, elogia também a qualidade do corpo docente da escola, só lamenta nunca ter participado na organização dos Commies Awards, uma gala onde os professores e funcionários são premiados pelos alunos pelo desempenho que tiveram ao longo do ano.

Mais do que uma aventura na Escócia...

A AVENTURA que Marta Caeiro pretendia viver ao candidatar-se ao programa Erasmus acabou por se tornar numa experiência de vida enriquecedora, em termos culturais e de aprendizagem que aconselha vivamente todos os estudantes a vivencia-la. Foi em 2000 que viajou até à Escócia e frequentou, durante

um ano, o curso “Adverstising- practical studies- Impact of mass communication” na Glasgow Caledonian University. Na altura, no Pinhal Novo, onde vivia com os pais, foi das primeiras jovens a ir estudar para o estrangeiro. Durante a sua estadia em Glasgow conciliou os estudos com um trabalho no departamento de marketing da empresa Compaq que

teve conhecimento através do Gabinete de Apoio aos Estudantes Internacionais. O facto de falar português valeu-lhe o lugar porque tinha a seu cargo o mercado brasileiro.

Por lá fez amizades que ainda hoje se mantém. “A Escócia foi a minha casa, e o Erasmus uma grande aventura.” diz Marta Caeiro.

De parque de estacionamento a galeria de arte urbana



Marta Caeiro agradece a participação do jovem no workshop artístico oferecendo-lhe a miniatura de um automóvel

NUMA iniciativa da MTV Portugal, onde a música foi o principal ingrediente, artistas de graffitis transformaram, em poucas horas, no passado dia 4 de Abril, as paredes cinzentas do parque de estacionamento do Fórum Barreiro numa verdadeira galeria de arte urbana. Para Marta Caeiro, directora de marketing da MTV cumpre-se assim um desejo antigo da marca “promover um evento mais underground, onde a arte urbana se fundisse com a música.” Pela ligação ao universo do graffiti, o Barreiro surge como “o palco perfeito” para dar forma ao conceito “From grey to rainbow”, diz Marta que, no final, faz um balanço extremamente positivo da acção. Dirigido a um público jovem foram muitos os que quiseram participar nos workshops, que decorreram das quatro da tarde às onze da noite, de pintura de vinis, customização de headphones ao vivo. Ao longo da tarde foram vários os DJs que fizeram as delícias do público. Três meses foi o tempo que esta

acção levou a ser preparada “desde a concepção, produção, comunicação e implementação de todas as fases” diz a directora de Marketing que, para

além da equipa da MTV, contou com o apoio da Câmara Municipal do Barreiro, do Fórum Barreiro e das marcas patrocinadoras do evento.



Relações afectivas no

Com pozinhos perilim pim pim

Preocupada com a delinquência juvenil, abandono e insucesso escolar, gravidez na adolescência, iliteracia, problemas que afectam as comunidades mais carenciadas, Maria Emília Nabuco, investigadora da Escola Superior de Educação de Lisboa, percebeu a urgência de desenvolver um trabalho preventivo primário no terreno em parceria com pais, cuidadores e crianças, desde o seu nascimento. Inspirado num modelo inglês, já com provas dadas, nasce, assim, o A Par- Aprender em parceria. Um programa gratuito oferecido no contexto da família em que o afecto está na base da estratégia educativa.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Paulo Silveiro

“BOM dia à Susana, bom dia à Carla, (...), Bom dia se estás contente, Bom dia se estás triste, (...), Bom dia aos pequeninos, Bom dia aos crescidos, Bom dia, bom dia, olá que bom estão cá!”. É com a canção de acolhimento, onde são evocados os nomes dos pais, filhos e educadores, presentes na sala, que se dá início a mais uma sessão do A Par no Centro de Desenvolvimento Comunitário da Santa Casa da Misericórdia da Charneca. Com encontro marcado, todas as terças-feiras, pais, filhos e educadoras, juntam-se para, religiosamente, durante uma hora, brincarem, cantarem e ouvirem histórias.

Sentados no chão, em círculo, à volta do edredão, Susana, Rodrigo, Natasha, Osmar e Rafael, com um ano de idade, abraçam-se às mães enquanto se baloi-

çam ao ritmo da música das palminhas que todos fazem questão de cantar.

Trata-se de um projecto pioneiro em Portugal que pretende contribuir para uma melhoria educacional da comunidade en-

Destinado essencialmente a populações carenciadas, o A Par realiza sessões semanais de uma hora com pais e filhos, orientados por uma líder, e uma assistente

volvendo logo, desde muito cedo, pais e cuidadores na educação dos seus bebés e crianças até aos cinco anos. Atenta e bastante preocupada com os dados estatísticos de insucesso e abandono escolar,

Dura lex sed lex

PARA a presidente da A Par, Maria Emília Nabuco, a Lei de Bases do Sistema Educativo precisa de ser urgentemente alterada, considerando que a educação deve ser contemplada desde a nascença e não apenas a partir dos 3 anos, conforme dita a Lei. Baseada em estudos recentes que comprovam que o cérebro humano se desenvolve nos três primeiros anos

de vida com uma rapidez vertiginosa, comparativamente com qualquer outro período, e que as experiências precoces têm um impacto decisivo nas capacidades de aprendizagem, especialmente quando os pais estão verdadeiramente envolvidos, a investigadora defende um maior investimento em projectos para esta faixa etária dos 0 aos 3 anos.



violência, gravidez na adolescência, existentes nos bairros sociais do nosso país, Maria Emília Nabuco, e, após ter conhecimento dos “resultados fantásticos” que o Projecto PEEP (Peers Early Education Partnership), teve com residentes em áreas de intervenção prioritária na cidade de Oxford,

coração da aprendizagem

pais e filhos aprendem assim...



em Inglaterra, quis adaptar este projecto à cultura portuguesa.

A iniciativa partiu da Escola Superior de Educação de Lisboa, mas rapidamente se autonomizou na Associação Aprender em Parceria, uma instituição privada de solidariedade social, dirigida por Maria Emília

Nabuco. Para além do papel de intervenção no terreno, a antiga professora da ESELx, dedica-se também à investigação sobre o projecto no Centro de Interdisciplinar de Estudos Educacionais da escola. Criado em 2006, o A Par é co-financiado e apoiado tecnicamente pela Fundação Aga Khan (AKF),

uma agência privada vocacionada para o apoio das comunidades mais carenciadas. Sediada na ESELx, os alunos do curso Educação de Infância têm colaborado na construção de materiais de apoio às sessões e Emília Nabuco pretende que, mais tarde, possam estagiar no grupo A Par.



Destinado essencialmente a populações carenciadas, o programa A Par-Aprender em Parceria, realiza sessões semanais de uma hora com pais e filhos, orientados por uma líder, e uma assistente, baseadas num currículo pensado nas

diferentes necessidades das crianças em cada etapa do seu desenvolvimento. Aqui a educação faz-se, através do jogo e das expressões (livro, dança, canções). “Um verdadeiro momento de catarse para os pais, destes meios sociais, que normal-

mente não dispõem de uma hora para brincar e dançar com os filhos.”, diz a presidente, Emília Nabuco.

Contar histórias é um dos momentos que faz parte das sessões, uma forma de estimular os pais a ler livros diariamente

Uma vida dedicada à educação das



A ACTUAL presidente da Associação Aprender em Parceria – A PAR, Maria Emília Nabuco, soma no seu curriculum profissional e de vida uma dedicação

profunda à educação das crianças dos 0 aos 5 anos. Aposentada da carreira de docente da Escola Superior de Educação de Lisboa, desde 2007, é investigadora do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED), da ESELx. Neste momento tem a seu cargo a coordenação do estudo longitudinal sobre a actividade do A Par. Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, o projecto tem como parceiros a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Lisboa e o Departamento de Estudos Educacionais da Universidade de Oxford.

Iniciou a carreira de docente na Escola do Magistério Primário de Lisboa, no curso de Educação de Infância. Na passagem para a Escola Superior de Educação de Lisboa leccionou as disciplinas Introdução à Investigação da Educação e

Avaliação da qualidade e dos currículos em Educação de Infância.

Formada em Educação da Infância, em 1966, pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, completou, em 1979, o curso de Formação de Professores de Educação pela Arte no Conservatório Nacional de Lisboa.

Em 1989 na Universidade de Londres especializou-se em “Child Development in Pre-School and Primary School”, seguiu-se o Mestrado em “Child Development with Early Childhood Education” e sete anos depois doutorou-se em “Child Development and Learning”.

A investigadora constitui o conselho editorial do International Journal of Early Years Education, da Universidade de Warwick e é referee do European Early Childhood Research Journal da Universi-



com os seus filhos, desenvolvendo assim a literacia, desde pequenos.

No Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca a líder Carina Santa Bárbara conta, imitando vozes e sons e gestos, uma história sobre as mães, por-



que estávamos em vésperas da celebração do dia da mãe.

Após a história segue-se um momento de diálogo com os pais, enquanto as crianças ficam a cargo da assistente, Carla Susana, a brincar. Durante um quarto de hora,

de forma lúdica, conversa-se com os pais sobre temas pertinentes da educação dos filhos. Mediante a faixa etária das crianças do grupo abordam-se temas, como por exemplo, as rotinas diárias de comer, dormir, ou as respostas às perguntas difíceis.

crianças

dade College, Worcester, ambas em Inglaterra. Desde 2000 é orientadora de várias teses de mestrado e doutoramento; e júri de provas públicas de mestrado e conselheira de Formação do Centro de Formação de Profissionais de Educação do Norte Alentejo.

Tem tido a seu cargo a revisão científica de vários materiais pedagógicos. A colecção de livros "Auto-Ajuda para Crianças", das Edições Paulinas, e a maleta pedagógica "Uma Caixa Cheia de Emoções" da Editora Estúdio Didáctico, são exemplos disso.

Maria Emília Nabuco desde há quinze anos que orienta a nível pedagógico a equipa educativa da Obra Social Paulo VI em Lisboa, uma Instituição Portuguesa de Solidariedade Social que se dedica a crianças dos 4 meses aos 6 anos de idade.



A psicóloga Marta Nunes e o Rafael

Fundação Ciência atenta

A FUNDAÇÃO para a Ciência e Tecnologia financiou, por um período de três anos (2006-2009), um projecto de investigação que pretende avaliar a implementação do A Par nos arredores de Lisboa e Sintra. Coordenada pelo Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa, a investigação inclui como instituições participantes a Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa e o Departamento de Educational Studies da Universidade de Oxford, que realizou os estudos longitudinais sobre o Projecto PEEP de Oxford.



Mãe e filho no momento da brincadeira

Estabelecem-se, assim, laços de interajuda entre os pais que se irão reflectir na construção de uma comunidade empreendedora e criativa.

mães arranjaram emprego, outras voltaram a estudar”, e continua “Ainda não temos dados concretos mas tudo indica que iremos ter os mesmos resultados que o projecto

Um verdadeiro momento de catarse para os pais, destes meios sociais, que normalmente não dispõem de uma hora para brincar e dançar com os filhos.”, diz a presidente

Estimular nos pais o desejo de continuar a aprender ao longo da vida é outro dos objectivos do A Par já com resultados visíveis segundo Emília Nabuco “Algumas

teve em Inglaterra.”

No Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca, chegou o momento do Cesto dos Tesouros. As crianças brincam



Os meninos brincam ao cesto dos tesouros

com colheres, tampas de panela, batedeiras de claras e panos. São objectos simples do dia-a-dia, que ajudam as crianças a explorar diferentes cores e texturas, uma ideia que os pais podem facilmente reproduzir em casa. Aceitando a sugestão do A Par, Susana Pereira, em casa, brinca com a filha Natasha com tampas de panelas e tupperwares.

Uma

O PROJECTO A Par, começava a dar os primeiros passos no terreno, em 2007, quando Rute Pais Baptista, líder da associação e educadora de infância, decidiu avaliar o efeito do programa. E a medição das aquisições ao nível das competências de literacia, lúdicas e sociais, provou a sua eficácia.

Licenciada pela Escola Superior de Educação de Lisboa, onde actualmente é professora, Rute Baptista obteve recentemente, com o seu estudo, o grau de Mestre em Desenvolvimento da Criança, na variante de Desenvolvimento Motor. O estudo foi realizado na Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica e orientado pelo Professor Doutor Carlos Ferreira Neto.

Intitulada “O efeito de um programa de estimulação precoce - A Par, considerando as aquisições a nível das competências de literacia, lúdicas e sociais”, a investigação, que estudou 63 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos, apresentou resultados interessantes.

Em seis meses, a progressão das crianças que recebiam o estímulo A Par surpreendeu bastante a investigadora. Rute Pais Baptista observou estas crianças a brincarem a amanhar o peixe, enquanto as do Parque, pertencentes a um contexto socioeconómico privilegiado, mas sem estímulo A Par, simulavam falar ao telefone ou escrever no computador.

Foram analisados 4 grupos: o A Par, constituído por crianças do bairro social das Galinheiras, um grupo de crianças do mesmo contexto socioeconómico que o primeiro, mas sem acesso a qualquer programa de estimulação precoce; e outros dois grupos que serviram de comparação: crianças que frequentavam uma Instituição Portuguesa de Solidariedade Social,

Baseada em estudos científicos que comprovam o desenvolvimento vertiginoso do cérebro humano nos três primeiros anos de vida, a presidente da associação defende que é na etapa do nascimento dos filhos que os pais estão mais predispostos para serem bem capacitados. Mas em primeiro lugar Maria Emília Nabuco pretendia que

se estabelecesse uma vinculação afectiva entre pais e filhos “que os progenitores os aceitassem, com amor, como seres humanos que são”, depois acreditava que os pais ao desenvolverem uma auto-estima iriam contribuir para que as crianças criassem predisposições positivas para a aprendizagem. “Ajudar os pais a acreditarem que os

filhos são capazes”, é o que se pretende, diz a professora.

Há dois anos no terreno o projecto já promoveu, até Dezembro de 2008, 500 sessões, beneficiando um total de 254 crianças, dos zero aos cinco anos de idade, e dos cinco aos dez (porque os irmãos também podem acompanhar). Tapada das

aprendizagem bem sucedida

também do mesmo contexto socioeconómico, mas não envolvidas no A Par; e, por último, um conjunto de crianças, pertencentes a um contexto socioeconómico privilegiado, alunos da Instituição Educativa Particular, o Parque, onde é educadora de infância, também elas não estavam abrangidas pelo A Par.

Na fase inicial do estudo a professora aplicou um pré teste, onde, através de actividades sobre cores, números, letras, formas, contrários e opostos, avaliou os níveis de literacia e numeracia e, no final, um pós-teste percebendo, assim, a relevância do estímulo dado pelo projecto A Par. Durante seis meses observou, recorrendo a filmagens, as crianças a brincarem livremente com materiais lúdico-pedagógicos.

Rute Baptista constatou que, no início, as crianças do A Par, brincavam solitariamente, não partilhando o material de jogo, nem explorando, autonomamente, as potencialidades dos materiais, comparativamente aos outros grupos. A investigadora percebeu que, à medida que o tempo ia passando, estas crianças evoluíram de um jogo solitário e observador, para um trabalho mais cooperativo.

Tanto no pré como no pós teste, as crianças que receberam um estímulo A PAR obtiveram, melhorias significativas em todos os itens avaliados no desenvolvimento da literacia emergente.

No decorrer da tese de mestrado “A abertura e empenho dos pais do A Par ao estudo foi surpreendente.”, refere a professora, Rute Pais Baptista que, também reconhece que a maioria são desempregados, o que justifica terem mais disponibilidade para os filhos, o que também não quer dizer que os pais dos meninos do Parque não se preocupem “delegam é mais essa tarefa nas empregadas, e agradecem bastante a cooperação casa/escola.”



A Mestre Rute Pais Baptista, que fez desta experiência o tema da sua tese

O estudo concluiu que qualquer programa de estimulação que defenda e promova a cooperação Escola-Família obterá, com maior rapidez, um desenvolvimento integral notório das crianças em idade Pré-escolar e recomenda ainda que os programas de

A investigadora observou as crianças A Par a brincarem a amanhar o peixe, enquanto as do Parque, pertencentes a um contexto socioeconómico privilegiado, mas sem estímulo A Par, simulavam falar ao telefone ou escrever no computador

estímulo, dirigido a crianças dos 0-5 anos, devem privilegiar o jogo e a actividade lúdica e social, “Qualquer educador que pre-

tenda obter resultados na progressão das crianças tem de trabalhar de forma lúdica”, diz a professora.

Aos 33 anos, Rute Pais Baptista, crente que “uma educadora nunca envelhece”, gostaria de dar continuidade ao estudo acompanhando este grupo A Par na entrada para a escolarização, de forma a avaliar os ganhos efectivos deste estímulo nestas crianças. Um contributo para as líderes, que poderão, assim, melhorar a sua prestação no terreno, e para os pais que percebem, desta forma, a importância do A Par no desenvolvimento dos seus filhos. Muitas vezes os pais de bairros sociais não têm expectativas em relação aos filhos, não lhes dando qualquer motivação, e Rute defende que “crianças que acreditam que podem ser melhores, serão certamente, no futuro” melhores.”

Mercês, Alta de Lisboa, Ameixoeira, Charneca do Lumiar e no Bairro da Adroana em Cascais, têm sido os locais onde o projecto se tem desenvolvido.

O A Par tem actuado em pequenos grupos de pais e filhos que, na sua maioria, não frequentam creches, nem jardins-de-infância. É nos Centros de Saúde, Câmaras Municipais, escolas, jardins-de-infância, que são detectadas as famílias que necessitam de intervenção. Ao todo colaboram com o A PAR no teatro da operação, numa atitude de sensibilização permanente, 117 elementos

A Par já formou, até ao momento, 30 líderes. Com uma média de idade de trinta anos, as líderes são licenciadas em Educação de Infância, muitas tiraram o curso na ESELx, outras são psicólogas de formação

entre médicos pediatras e enfermeiras.

O A Par já formou, até ao momento, 30 líderes. Com uma média de idade de trinta anos, as líderes são licenciadas em Educação de Infância, muitas tiraram o curso na ESELx, outras são psicólogas de formação. Possuir um curso superior não é a única exigência para o cargo. Ter experiência ou gostar de trabalho com populações carenciadas, são requisitos necessários para a função, para além do exame de voz a que se submetem. Porque, como explica Emília Nabuco, “é fundamental que os bebés, desde a mais tenra idade, ouçam cantigas e histórias de vozes afinadas.”

Já as assistentes têm apenas de saber ler e escrever e gostar de trabalhar com crianças e adultos. Pertencem às populações locais onde o A Par actua e compete-lhes a elas a dinamização do projecto e recrutamento de novas famílias e crianças, que careçam de intervenção. Um papel desempenhado também por Emília Nabuco que diz, a rir, fê-la sentir em determinadas situações uma “testemunha do Jeová”. Recorda-se de na Alta de Lisboa de ter mobilizado duas mães que pediam esmola na rua com os filhos. Hoje, a frequentarem o A Par, “nem parecem as mesmas”, diz satisfeita.

Para a investigadora a grande luta que travam no terreno é convencer as famílias a não desistirem.

Avós e netos interagem



Canção das boas vindas une duas gerações das mesmas famílias



Era uma vez uma rã saltitona que adorava brincar com os meninos e fazer rir os avózinhos...

no jardim de infância da Ameixoeira



As crianças ouvem atentamente a líder Ana Sofia Teixeira a contar a história da sessão



O desfecho da história desperta grande curiosidade



A assistente Andreia Chaves desenha com as crianças



INÊS Almeida ainda era bebé de colo quando o avô, Eduardo Almeida, começou a ir com ela às sessões do A Par nas instalações do jardim de infância da Ameixoeira. Hoje, quase a completar três anos, Inês anseia pela segunda-feira, dia em que, religiosamente, como ela própria diz, vai à “escolinha”. É em tom de brincadeira que o avô Eduardo, reformado da RTP, diz ter aprendido com as líderes deste grupo, Ana Sofia Teixeira e Rita Tenrinho, a imitar um gato e um peru, e gosta tanto das sessões que até já angariou outros avós para o grupo. Consciente da necessidade da educação precoce para o desenvolvimento da criança, Eduardo Almeida acredita que está, desta forma, a contribuir para a entrada na escolarização da sua neta Inês.



Esta é a menina Inês Almeida



Maria Emília Nabuco, presidente da A Par, e as líderes Ester Rosa e Ana Sofia Teixeira na sede da associação na ESELx

O que não acontecerá, certamente, no Centro de Desenvolvimento Comunitário da Charneca em que a opinião das mães é generalizada, reconhecem a importância do A Par no desenvolvimento dos filhos e pretendem continuar a frequentar até os filhos entrarem para a escola. Carla Freire tem 28 anos, faz questão de nunca faltar às sessões com a filha e quando não pode é a irmã, Mónica Pires, que a substitui. Esta mãe tem dose dupla de sessões porque para além do Rodrigo, de 18 meses, tem outro filho mais velho que também frequenta o A Par.

Isabel Sebastião chegou há pouco tempo de Angola, e nas sessões o que melhor aprendeu foi as canções tradicionais portuguesas, que desconhecia. Podendo agora cantar com o filho Rafael de 1 ano. Contribuir para a integração dos filhos de emigrantes que, mais tarde, vão fazer parte do sistema educativo português, é um dos desafios que o A Par tem neste momento em mãos. A pedido da Câmara Municipal de Cascais, no Bairro da Adroana, tem desenvolvido um trabalho com um grupo numeroso de famílias da Guiné.

O financiamento do A Par não é suficiente para as necessidades. Na Alta de Lisboa há famílias com problemas graves que faltam às sessões, as quais o A Par gostaria de fazer visi-

tas domiciliárias, tal como se faz na Inglaterra, mas “não temos dinheiro”, lamenta a presidente, que diz ser urgente dar a conhecer o projecto, es-

timulando as instituições privadas a apostarem na formação dos seus funcionários como líderes. Desta forma criam-se receitas para a associação,

Antigos alunos do IPL a *Cantar Juntos I*



“CANTAR Juntos I” é o primeiro livro com CD, da colecção Aprender Juntos, produzido pelo A Par, pensado para proporcionar momentos agradáveis e de brincadeira entre pais e filhos desde o nascimento até aos 3 anos de idade. Da autoria de músicos, formados pelas Escolas Superiores de Música e de Educação de Lisboa, todos eles antigos alunos da maestrina Ana Ferrão, “Cantar

Juntos I” é o resultado da primeira grande adaptação do projecto inglês, Peers Early Education Partnership (PEEP), à nossa realidade. Recuperando a herança cultural portuguesa, os músicos harmonizaram canções, rimas e lengalengas tradicionais portuguesas que agora constam do CD que tem estado no top dos 10 livros mais vendidos da Fundação Calouste Gulbenkian. E a provar o sucesso, Cantar Juntos I foi inspirador das oficinas-concerto, promovidas pelo Centro Cultural de Belém, no dia da música, que pretenderam envolver pais, bebés e crianças, até aos 5 anos de idade, no universo musical com raízes na tradição oral, procurando despertar o potencial criativo que existe em cada um. A colecção Aprender Juntos prevê ainda a publicação de mais três conjuntos de livro e CD, destinados não só para os 0 aos 3 anos, mas também para os mais crescidos entre os 3 e 5 anos de idade.

e implementam o A Par nos seus locais de trabalho.

Para Maria Emília Nabuco o projecto A Par devia ser alargado a todas as classes sociais. Na experiência que tiveram com grupos da classe média, que serviu como estudo piloto, constataram, curiosamente, que estes pais têm as mesmas dúvidas, inseguranças das famílias de classes mais baixas.

A sessão do A Par na Santa Casa da Misericórdia está quase a terminar, mas não sem antes cantarem em conjunto a "Hora do Adeus". Incluída no CD "Cantar Juntos I", produzido pelo projecto A Par, este material permite que as famílias possam, em casa, divertir-se com os filhos e, ao mesmo tempo, quando regressam às sessões de grupo sentem-se mais confiantes para cantar.

As crianças ainda levam para casa um Kit lúdico que inclui um livro e jogos que deverão trazer na sessão seguinte.

Felizes, os meninos despedem-se com beijos e abraços às líderes e à assistente, e seguem de mãos dadas com as mães prometendo voltar na próxima terça-feira.

Osmar, o fotógrafo



EM CASA, Osmar Silva fica furioso quando não consegue ligar a aparelhagem para ouvir o CD de canções e rimas que ouve nas sessões do A Par que frequenta, com a mãe, na Santa Casa da Misericórdia da Charneca. "Até bate com os pés no chão", diz Otilia Silva, de 22 anos, que ficou a saber pela reportagem que a *Politecnia* fez no local, do

fascínio do filho pela fotografia. Hipnotizado pela máquina fotográfica, Osmar, com apenas um ano de idade, atreveu-se mesmo a tirar uma fotografia, registando para sempre o que ali se estava a passar. E, quase em jeito de agradecimento, no final, abraçou-se com os seus pequenos braços à cintura do fotógrafo.



O pequeno Osmar Silva descobre, através dos desenhos, o encanto e a magia das histórias

Cantora, perfor

Mariana Norton entre

Movida pela ânsia de viver, atravessou com determinação as portas que a vida lhe foi abrindo, em busca da realização pessoal. De início seguiu o percurso tido como certo, sem questionar causas nem consequências, mas acabou por perceber que esse não era o seu caminho. Chama-se Mariana Norton, já passou pela Escola Superior de Teatro e Cinema e descobriu agora, no Curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa, a grande paixão. Hoje, aos 29 anos, divide-se entre a música e a representação, sem os quais diz não imaginar a sua vida.

Textos de Clara Santos Silva

A MÚSICA sempre foi muito importante, mas foi a representação a primeira a surgir na sua cabeça. Mariana Norton sempre gostou de contar, mas cantava mais para si própria e nunca se mostrou muito preocupada em saber se os outros gostavam, era algo seu, muito pessoal. Filha de pai português e de uma escritora argentina, desde cedo conviveu com a música e com os livros. Um dos seus primeiros brinquedos foi um gira-discos e um rádio, mas quando questionada sobre o que queria ser quando “fosse grande”, não hesitava em dizer “atriz”, iria para Londres, “já tinha tudo planeado”.

Tinha muita vontade de entrar no mundo do Teatro, sentimento que se manteve até ao liceu, mas acabaria por se esbater com



Foto de Nuno Faria

mer e atriz

a música e o teatro



a entrada no curso de Direito. Nessa altura as dúvidas surgiram, principalmente porque a entrada na universidade acabou por ser aquilo que é normal no percurso de um jovem da sua idade. Ao perceber que quase todos os que a rodeavam já tinham a sua própria identidade e sabiam o que queriam para o futuro, Mariana entrou naquilo que chama de crise existencial. Nessa altura começou a frequentar workshops de teatro.

Ainda passou pelo curso de Relações Internacionais, como tentativa de não de-

siludir os pais, mas a oportunidade de ir para Nova Iorque, onde ficou seis meses, foi para Mariana a melhor forma de saber o que queria fazer daí para a frente. Antes da viagem ainda fez a novela na TVI “Bons Vizinhos”. No mesmo período cantava todas as semanas com a sua banda e já tinha passado até pelos Toranja. Aí sim, a música já fazia parte integrante da sua vida. Durante um ano só fez teatro e música. Surgiu-lhe entretanto o convite de participar na peça “Confissões de Adolescente”, que

inicialmente recusou, por achar não ter a idade adequada. A verdade, porém, é que com a saída da atriz brasileira Mel Lisboa voltou a oportunidade. E foi um êxito.

Aos 22 anos, continuando a cantar, percebeu que começavam as preocupações com o dinheiro, como base da sobrevivência. Tinha que saber se podia subsistir a fazer o que mais gosta. Optou então, ao regressar a Lisboa, por voltar a estudar, mas desta vez na Escola Superior de Teatro e Cinema, pois na altura não havia ainda curso superior de



Mariana Norton na comédia urbana "Cuidado o que Desejas" no Teatro Bocage; e no estúdio de gravação com o grupo "Lundum Ensemble"

jazz em Lisboa. Chegou a pensar no lírico, mas a dedicação teria que ser muito superior.

Não chegou a concluir o Curso de Teatro, que frequentou durante dois anos, e de que ainda hoje sente muitas saudades. Mas ainda na ESTC, em pleno Verão, foi contactada para entrar no remake de "Vila Faia", e nessa altura teve que optar pelo trabalho, descansando um pouco dos estudos e aprendendo outras coisas.

Fez um casting para uma nova produtora. Na altura soube que António Cordeiro estava associado ao casting, e esse foi a principal motivação para não perder a participação. Passados alguns meses, repetiu o processo e, no dia seguinte já a tinham contactado

para ficar com o papel de Mariana Marques Vila, filha mais velha da família Marques Vila. Nem quis acreditar que iria ter como pai Virgílio Castelo; como avó Simone de Oliveira; e como mãe Suzana Borges. Gostou muito da experiência e o trabalho da personagem acabou por ser muito natural. Teve sorte pelo facto de na novela original o seu personagem ter sido interpretado por Paula Street, que já não trabalha na área e, como tal não se sentiu "agarrada" a uma imagem.

A tristeza e a polémica chegaram quando, depois de muito esforço de toda a equipa de "Vila Faia", o horário escolhido não ter sido o mais adequado. "As pessoas perdem o ritmo e a principal questão é, que quando um

produto é pensado, obedece a um determinado conceito e, assim esse perde-se" – observa. Este foi, no entanto, um trabalho que Mariana ansiava terminar. Na recta final das gravações, já estavam a ser feitos contactos com alguns dos seus colegas para a nova série "Liberdade 21", mas só mais tarde chegou a sua vez. Acabou por ser escolhida para interpretar o papel de esposa de Ivo Canelas. A experiência foi quase como que um workshop de representação, a Mariana era mais velha e mais séria, a Isabel era uma senhora e, principalmente na 2.ª série, teve que aprofundar essa vertente.

Aquilo que para Mariana Norton é fascinante é a ligação entre o Teatro e a Música, pois quanto melhor

for percebida pelos profissionais da área, melhores intérpretes serão. Daí que veja os seus dois anos na Escola Superior de Teatro e Cinema com um período muito intenso. A ajuda que obteve na escola fez com que se tornasse uma melhor pessoa e artista. Revê-se no ensino das escolas artísticas do Instituto Politécnico de Lis-

boa. Objectivamente, no prazo de um ano acabou por se transformar noutra pessoa, pelos jogos de autoconfiança que a libertaram de alguns dos medos criados pela sociedade. O professor Álvaro Correia é um dos seus preferidos, que recorda com saudade, bem como João Brito, que espera reencontrar quando regressar à ESTC pa-

ra concluir o curso. Na sua opinião o ensino da escola é importante e cada vez mais actores que começam por trabalhar em televisão “vão lá parar”. Espera que o mercado assim o exija – “é muito duro fazer um casting e gravar durante 8 meses, mas há coisas que têm que se saber, a interpretação é muito importante.

Música de improviso

O JAZZ é um género musical que está a ressurgir entre o público português. Falar de Jazz em Portugal significa falar do Hot Clube, que Mariana Norton bem conhece, já que os seus primeiros passos na música foram dados lá. Criado em 1948, continua a ser considerado um dos clubes de jazz mais antigos do mundo. É ali que tudo acontece e que a harmonia, o ritmo e a improvisação se fundem.

A melhor forma de ter contacto com o jazz é no Hot Clube, e mesmo na escola, onde Mariana se iniciou como professora de voz,

já se notam as mudanças. Só ela tem oito alunos iniciados, e as idades vão dos 18 até aos 40/50. O crescimento do jazz tem levado a que já se façam na cidade de Lisboa, workshops na área.

Acompanhando a evolução da aposta no género musical, e em resposta a uma lacuna até aí por preencher no ensino da música, a Escola Superior de Música de Lisboa iniciou a Variante Jazz da licenciatura em Música. Assim, é possível a muitos jovens já na área da música, e mesmo profissionais, enriquecer a sua formação. As novas instalações da escola são a cereja no topo do bolo para todos os que ansiavam in-

gressar na ESML e aprender mais que, ou se ama ou se odeia.

O Jazz nasce do blues, das canções de trabalho dos trabalhadores negros norte-americanos. Após a fase de espiritual negro, o jazz sofre uma evolução profunda dando origem a inúmeras tendências dentro do mesmo género. O swing, o bebop, o cool jazz e o free jazz foram as variantes dominantes até à década de 60, período após o qual se deu uma fusão entre o jazz e o rock. Actualmente no jazz é possível fazer de tudo, mas a improvisação é um dos elementos essenciais.

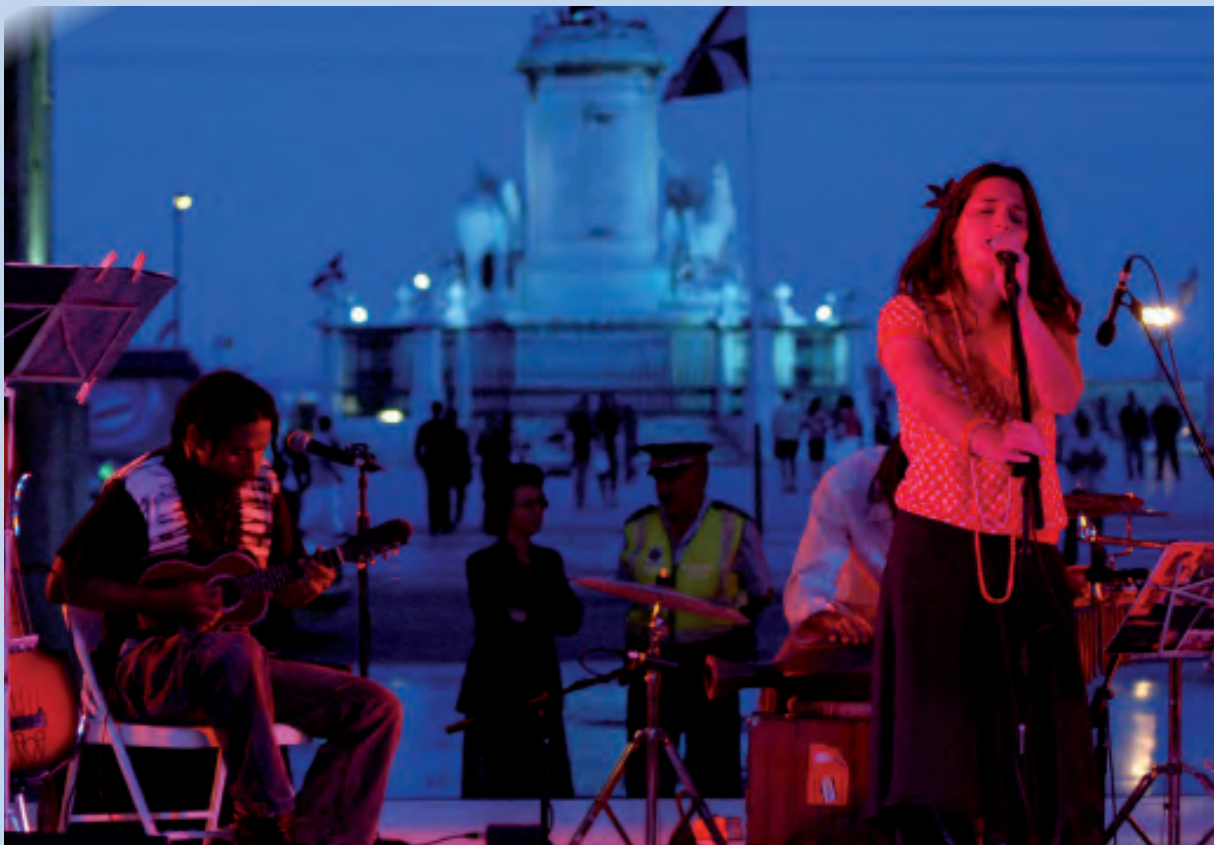




Foto de Nuno Faria

Uma aventura no Hot Clube

MARIANA Norton começou a investir mais no estudo e reatou a “relação” com pessoas do meio jazzístico. Numa das suas passagens pelo Hot Clube, num dia de Jam Sessions (improvisação), um seu amigo que toca harmónica desafiou-a a ir cantar. A vergonha quase a impediu de o fazer, mas acabou por ceder e considera ter sido o seu acto libertador – “foi ótimo, gostei muito, fiquei viciada”.

Aí percebeu que estava na altura de se soltar, gostava de jazz desde pequena, adorava Ella Fitzgerald e Sarah Vaughn, mas ainda tinha muito respeito pelo género. Iniciou a rotina de às terças-feiras frequentar as Jam Sessions com o professor Veloso, presidente da Assembleia-geral do Hot Clube. Aqui nasceu uma paixão enorme.

No presente semestre Mariana Norton iniciou uma nova etapa, ao aceder dar aulas de voz no Hot Clube. A aprendizagem diz ser enorme, sente principalmente que pode ajudar e quer fazê-lo, porque “dar aulas é aprender”. Sabe que terá que investir nos



seus próprios temas, pois tem tocado com pessoas muito diferentes e está na altura que cantar temas originais com os quais se identifique. Pressa,

essa não tem, o importante não é fazer um disco só por fazer, porque convites já teve, mas nada que possa considerar.

A par do casting de “Vila Faia”, estava em plenas provas para o programa da RTP “A Melhor Canção de Sempre”. Chegou a estar indecisa e assustada quanto ao projecto, porque não é de todo o seu género musical. Eram muitas as vezes em que se sentia mal, mas acabou por ser um mês de muito trabalho e aprendizagem. Na altura percebeu que tinha que mudar e, que também na música, tinha que vestir o personagem. Muitos dos seus colegas saíram da “Operação Triunfo” e, por isso tinham uma preparação diferente, como o cantar em directo. Considera que os trunfos são maiores para os que passam pela experiência. Chegou a passar nas provas para a “Operação Triunfo”, mas optou por não dar seguimento a esse percurso. Um dos seus maiores receios foi ter que dizer que não, porque quando se faz

este tipo de programas são muitos os compromissos que se seguem. “Foi uma lição”.

Talvez por influência dos pais, ligados à escrita, Mariana encontra no acto de escrever um prazer. Um dos seus sonhos passa, mesmo, por escrever um livro, quem sabe de entre tudo aquilo que já guarda. A sua indecisão perante a vida e o futuro diz ter muito a ver com o próprio percurso familiar. A mãe já editou um livro de poemas na Argentina, mas por circunstâncias da vida, descobriu o que queria realmente fazer muito tarde. Por tudo isto, sentiu da parte dos pais um grande apoio, nas sucessivas paragens e reflexões que foi tendo.

O ensino também faz parte dos seus projectos, principalmente a associação do Teatro e da Música. Na sua opinião, falta aos actores musicalidade e aos músicos teatralidade.

“Há muitos preconceitos em relação ao meio artístico”, segundo a sua experiência, e o pior para um artista é a tensão, as não se desenganem os que dizem não se importar com o que os outros pensam. Mariana está consciente que de que o actor quer, e precisa de atenção – “queremos que gostem de nós”.

Quanto a si, ainda está numa fase de aprendizagem, e bem mais calma do que era há uns anos. Sente aliás que o teatro teve um efeito calmante.

O futuro está cheio de planos. Pretende concluir o curso de Teatro e o curso de Jazz da Escola Superior de Música de Lisboa. A representação está em banho-maria à espera que as coisas aconteçam, mas confessa que adorava fazer agora uma peça de teatro.

Acima de tudo, Mariana Norton não se imagina sem fazer música e teatro, as suas grandes paixões!

JAZZ e outras músicas...

A MÚSICA começou antes mesmo de frequentar o curso de Direito. Já tinha passado pelo Hot Clube de Portugal, por sugestão do pai, acabando por desistir devido à incompatibilidade de horários. Apesar da dedicação aos estudos nunca esqueceu a música, que continuava a crescer. A influência do pai, apreciador de Jazz, foi fundamental. Em pequena, as viagens para a escola eram preenchidas pelo jazz e música clássica, algo que no início lhe desagradava. Um dia as coisas mudaram.

Aos 14 anos formou um coro com amigas, e o sucesso em casamentos e baptizados manteve-se durante anos, a pontos de ainda hoje serem contactadas. A constante agitação não conseguia apagar as suas indecisões quanto ao futuro.

A ligação à música continuou, bem como a sua participação em bandas bem conhecidas como os “Toranja” e os “Balla”. Em 2001, surgiram os “Giant Step”, grupo que começou um pouco ao contrário daquilo que é habitual, e daí o nome. Normalmente as bandas surgem e trabalham para gravar um álbum, esta banda surgiu precisamente porque um produtor ouviu uma maqueta sua e pediu que em apenas quatro dias para fizesse uma música.

O Jazz, esse, era um estilo do qual continuava a gostar, mas o medo e o respeito continuavam a desviá-la. A improvisação, que por coincidência é um elemento fundamental do jazz, foi ocupando um lugar muito grande nas suas actuações e, levou-a a trabalhar com muitos Dj's, com os quais inventava melodias. Muitas dessas experiências correram mal, mas foram fundamentais para crescer enquanto profissional que tem que fazer escolhas. Acabou por se associar ao Dj Señor Pelota (André Soares), no projecto “The Affair”,



Uma estreia no dia do Instituto Politécnico de Lisboa



A constituição da Orquestra Jazz da ESML, dirigida pelo maestro Pedro Moreira, diz ter sido muito importante para os alunos, e a sua primeira actuação foi precisamente na comemoração do 23.º aniversário do Instituto Politécnico de Lisboa. O facto é que foi um sucesso, e já sugeriu inclusive ao maestro a realização de um dia de orquestra, semanalmente.

cuja duração também foi curta. A sua maior dificuldade sempre passou pelo gosto que tem por tudo, pela sua paixão pela Música em geral, o que a levou a dispersar-se. Era, no entanto, inevitável começar a delimitar as suas escolhas. Apesar de tudo, nesta altura achava-se o máximo, estava no topo, mas rapidamente percebeu o que ainda havia para evoluir.

A felicidade chegou ao saber da abertura da Variante Jazz, na licenciatura em Música, da Escola Superior de Música de Lisboa. Não podia deixar fugir a oportunidade e, mesmo estando ainda no primeiro ano só tem elogios a fazer à escola e aos seus professores.



Maria Amélia Nunes de Almeida: 38 anos no ISCAL

«Dei o máximo que me foi possível»

Na hora da passagem à reforma, com 38 anos da sua vida dedicados ao ISCAL, Maria Amélia Nunes de Almeida é uma mulher feliz e realizada. “Dei o máximo que me foi possível”, diz, orgulhando-se de ser reconhecida por todos como uma das responsáveis pela recuperação do prestígio do Instituto. Deixa a escola com a satisfação de ver as suas apostas ganhas, do êxito do novo Curso de Gestão ao lançamento do Doutoramento com a Universidade de Lisboa.

Entrevista conduzida por Paulo Silveiro • Fotos de Bruna Viegas

POLITECNIA – A comemoração dos 250 anos da criação da Aula do Comércio são o tributo a uma herança?

MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA –

Sim Estas comemorações surgem do facto de nos considerarmos os herdeiros da Aula do Comércio. Apesar do Instituto Superior de Comércio também requerer esta herança, foi ao ISCAL que foi atribuído o ensino da escrituração e da contabilidade. Assim, aqui estamos nós a realizar as nossas comemorações, sem grande aparato, mas com grande dignidade.

POL. – Quais são as acções que estão a realizar?

M.A.A. – Para assinalarmos esta efeméride para o futuro, vamos lançar um postal e um carimbo do 1º dia e ainda 250 medalhas numeradas, na prata de melhor qualidade, em cujas faces vão ser cunhadas as insígnias do ISCAL e da Aula do Comércio. Curiosamente, no nosso símbolo há uma vara de louros a que se enrolam duas cobras, que na ponta possui duas asas que estão associadas ao Deus Mercúrio. Como a Aula do Comércio foi constituída para formar negociantes, usou o Deus Mercúrio, que para a mitologia romana significa o Deus do Comércio ou dos Negociantes. Este foi o símbolo usado pelo antigo Instituto Comercial e que o ISCAL herdou.

POL. – De certa maneira, a Câmara dos Quadros Técnicos Oficiais de Contas, tal como o Instituto



Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, também se sente em festa...

M.A.A. – É verdade. Também aderiu a estas comemorações e mandou cunhar mil e quinhentas medalhas embora numa prata menos valiosa. Estes são as iniciativas que vão registar esta data para o futuro.

POL. – Sabemos que organizaram um conjunto de conferências?

M.A.A. – Sim organizámos um ciclo de conferências sobre várias temáticas como as finanças, a contabilidade, a gestão, a fiscalidade, que se iniciaram em Janeiro e vão terminar a 19 de Maio.

POL. – Como foram escolhidos os temas e os oradores, quais os mais sonantes?

M.A.A. – A principal preocupação foi de valorizar as áreas científicas ministradas no ISCAL. Depois de uma reunião com os coordenadores das áreas, ficou definido que seriam as finanças a iniciar este ciclo de conferências, em Janeiro, com o tema “A Crise Financeira Internacional”. Seguiu-se a gestão, em Fevereiro, que abordou “A Ética, Responsa-



O ISCAL orgulha-se muito da sua tradição, encarando-a como uma referência para continuarmos a ministrar uma formação de qualidade

bilidade Social das Organizações e Competência nos Negócios”. Em

Março o tema em foco foi “O novo Sistema de Normalização Contabilística Portuguesa”. No mês de Abril, numa parceria com o CTOC-Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas realizaram-se na FIL as jornadas internacionais onde compareceram cerca de duas mil pessoas, sobre as “Novas tendências da Contabilidade e Jornadas Europeias”. Finalmente no dia 19 de Maio, que é oficialmente o dia da Aula do Comércio, vamos ter uma sessão com antigos alunos do ISCAL, como o Dr. Eduardo Catroga, o Dr. Luís Filipe Pereira e o Dr. Murteira Nabo bastonário da Ordem dos Economistas. Procurou-se em todas as sessões ter uma mesa com os melhores especialistas das diversas áreas abordadas, sempre com a moderação de um professor do ISCAL.

POL. – Parece que para além desses, haverá um descendente de uma figura histórica presente?

M.A.A. – Sim é verdade, outra figura de relevo que vai estar presente é o descendente do Marquês de Pombal. Actualmente é um senhor com 80 anos, mas o seu herdeiro, o Conde de Oeiras, Sebastião José

Especialista em Gestão do Conhecimento

MARIA Amélia Pacheco Nunes de Almeida foi, até ao início deste ano, quando se aposentou, Presidente do Conselho Directivo do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa e membro do Conselho Científico e Pedagógico. É doutorada em Economia Financeira e Contabilidade e diplomada em Estudos Avançados (Gestão da Inovação) pela Universidade da Extremadura (Espanha). É licenciada em Finanças pelo ISCEF (actual Instituto Superior de Economia e Gestão) da Universidade Técnica de Lisboa e cumpriu o programa de Alta Direcção de Empresas da AESE, Escola de Direcção de Negócios, conectada com a Universidade de Navarra. Foi Professora Coordenadora do ISCAL onde leccionou as disciplinas de Organização e Gestão de Empre-



sas, Introdução às Ciências Sociais e às Organizações, Estatística e Matemática. Ensinou no Instituto Superior de Matemática e Gestão (ISMAG) e exerceu cargos de direcção em inúmeras empresas, nomeadamente como

directora da Portugal Telecom, Teledifusora de Portugal e Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Chefe dos Serviços de Contabilidade Geral dos Caminhos de Ferro Portugueses. É autora dos livros “Situação da Gestão do conhecimento em Portugal” (Edições Instituto Politécnico de Lisboa, 2007); “Aprender a Gerir as Organizações no Século XXI” (Editora Áreas, 2005) e “Introdução às Ciências Sociais e às Organizações” (Editora Visilis, 2000). Trabalhos da sua autoria, com arbitragem científica, escritos em português e castelhano, estão publicados em revistas como o “Capital Intelectual” (4º Trimestre 2005, Barcelona) e Working Papers de universidades, bem como, em Livros de Actas de congressos e seminários científicos nacionais e internacionais.

de Carvalho e Melo, que é seu filho e vai herdar o título, aceitou o convite de participar na cerimónia.

POL. – Vão abordar que temas?

M.A.A. – Estes antigos alunos vão falar do impacto que a sua formação no ISCAL teve nas suas vidas profissionais. Quanto ao descendente do Marquês de Pombal, certamente que se irá pronunciar sobre a importância do seu ascendente ter criado uma aula para formar negociantes.

POL. – O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, com todas essas heranças históricas, é uma Instituição agarrada à tradição?

M.A.A. – O ISCAL orgulha-se muito da sua tradição, encarando-a como uma referência para continuarmos a ministrar uma formação de qualidade. Mas, por outro lado, não ficámos agarrados a esta tradição e alargámos os nossos horizontes para outras áreas como a financeira e a de gestão. Esta última, é uma grande aposta que lançámos quando realizamos a reestruturação decorrente de Bolonha, porque colocou-se a questão se uma licenciatura em gestão faria sentido no ISCAL. Curiosamente foi o curso que teve o maior número de candidatos.

POL. – Essa licenciatura foi uma grande aposta no futuro do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa?

M.A.A. – Certamente. Actualmente, para além dessa licenciatura, ministramos as de contabilidade e administração, com três ramos: contabilidade; Fiscalidade e Gestão e Administração Pública e a licenciatura em finanças empresariais. Temos ainda oito mestrados em áreas como a auditoria, a contabilidade internacional, as instituições financeiras, e a gestão de negócios. O ISCAL encontra-se assim numa perspectiva muito abrangente para oferecer aos alunos uma gama muito alargada de formação mas sempre centrada numa génese de contabilidade e fiscalidade.

POL. – E no que respeita aos doutoramentos?

M.A.A. – No âmbito do protocolo com a Universidade de Lisboa va-

mos arrancar, em 2009/2010, com um doutoramento em gestão e administração pública, pois como é sabido os Politécnicos não podem conferir o grau de doutor isoladamente.

POL. – Passaram pelo ISCAL nomes ilustres, será que no futuro o ISCAL continuará a formar quadros dirigentes do nosso país?

M.A.A. – Estou convencida que sim. Os dois últimos bastonários dos revisores oficiais de contas foram alunos do ISCAL. E os futuros diplomados na área de gestão vão



Nos últimos anos houve um grande movimento de recuperação por parte de todos os que trabalham nesta casa, no sentido de o ISCAL se modernizar e responder aos novos desafios

ter grandes probabilidades de ocupar cargos de topo.

POL. – O ISCAL depois de um período conturbado. Em que tinha dificuldade em preencher as vagas, renasceu e hoje tem muitos candidatos. Que é que mudou?

M.A.A. – Nos últimos anos houve um grande movimento de recuperação, por parte de todos os que trabalham nesta casa, no sentido do ISCAL se

modernizar e responder aos novos desafios. Nesse sentido, foram criados novos cursos e adequaram-se os existentes aos requisitos do mercado de trabalho. Neste momento a nossa principal preocupação é a falta de instalações que nos permitam crescer mais. Por exemplo, nós possuímos alunos universitários que vêm frequentar aqui cadeiras isoladas que não são ministrados nos seus estabelecimentos de origem, nomeadamente na área da fiscalidade.

POL. – O facto de o ISCAL ministrar cursos nocturnos também é uma mais-valia?

M.A.A. – Certamente que sim. Já quando existiam as licenciaturas bietápicas, os alunos vinham fazer a segunda fase já empregados. A verdade é que os nossos alunos têm uma empregabilidade assegurada e tendo o ISCAL cursos em horários pós-laboral, isso é uma mais-valia para quem está a trabalhar e quer continuar os seus estudos.

POL. – E as alterações feitas nos conteúdos programáticos, foram benéficas?

M.A.A. – Essa é uma questão que eu tenho vindo sucessivamente a colocar ao conselho científico. Neste momento, já vamos na terceira ronda de licenciados após Bolonha e terá que ser feito um estudo muito criterioso sobre os aspectos positivos e negativos dos programas. O contexto está sempre em mudança e nós temos de nos adaptar a ela. Este é um aspecto que eu gostaria de ver salvaguardado pelo futuro conselho directivo.

POL. – Quantos doutorados tem o ISCAL actualmente?

M.A.A. – Atendendo à dimensão do Instituto, o número de doutorados é muito baixo:16. Mas a verdade é que os doutorados nas áreas das finanças e das contabilidades, não são muitos porque quando os alunos acabavam a sua formação eram logo absorvidos pelas empresas, que pagavam muito melhor que o funcionalismo público. Isso deu origem a uma classe de professores que passavam aqui pelo ISCAL nos intervalos da sua acti-



Nos últimos anos houve um grande movimento de recuperação por parte de todos os que trabalham nesta casa, no sentido do ISCAL se modernizar e responder aos novos desafios

vidade profissional. Eram excelentes profissionais mas não tinham o cunho da investigação.

POL. – O ISCAL não tem tradição de investigação?

M.A.A. – É verdade. A nossa base é a prática, que esses professores trouxeram das empresas onde trabalhavam, o que permitiu aos nossos alunos uma preparação muito voltada para o mercado empregador.

POL. – O que poderia ser feito nessa área?

M.A.A. – A investigação que os professores do ISCAL fazem é realizada nas empresas onde trabalham. Na nossa área existem muitas empresas, onde trabalham muitos dos nossos alunos e professores, que realizam projectos, é por isso que no ISCAL eles não existem.

POL. – Qual é a sua opinião sobre a cooperação com a Universidade de Lisboa?

M.A.A. – Para o ISCAL essa cooperação tem sido positiva, uma vez que permitiu-nos lançar um doutoramento. É lamentável que o IPL só possa ter doutoramentos através de protocolos de cooperação com ou-

tras instituições de Ensino Superior. As políticas e as estratégias das instituições têm que estar condicio-



Um dos aspectos positivos do meu mandato foi a boa colaboração que passou a existir entre os órgãos de gestão do ISCAL

nadas às políticas dos governos. Assim o Ensino politécnico continua a ser aceite, como um ensino que não deve estar vocacionado para

ministrar doutoramentos. Já foi muito difícil conseguir os mestrados e veremos agora se, após a avaliação externa, o IPL vai manter todos os mestrados e licenciaturas que actualmente possui.

POL. – Para o ISCAL a cooperação resumiu-se a um doutoramento?

M.A.A. – Não. A cooperação vai permitir a alguns docentes desta casa fazer o doutoramento na Universidade de Lisboa. Para já na área da gestão da administração pública e mais tarde noutro doutoramento que também pretendemos em ciências empresariais. Isto vai permitir a um conjunto de professores do ISCAL fazer o seu doutoramento mais rapidamente do que acontecia no passado quando tinham de ir para o estrangeiro.

POL. – E a nível internacional, quais são os principais projectos nos quais o ISCAL está envolvido?

M.A.A. – Tivemos projectos de cooperação com instituições dos PALOP's, mas eles têm muitas dificuldades financeiras e limitam-se a pagar as estadias. Estes projectos apenas promovem a imagem do IS-

CAL, junto daqueles países ajudando-os a implementar cursos, não têm retorno financeiro.

POL. – Está a terminar o seu mandato, que balanço faz dos três anos que passou à frente dos destinos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa?

M.A.A. – Quando me candidatei à direcção do ISCAL tinha um projecto de crescimento do Instituto. Uma das minhas apostas era a licencia-

POL. – A professora sente que foi responsável pela estabilidade que o ISCAL apresenta actualmente?

M.A.A. – Eu nada fiz sozinha, tudo o que foi conseguido foi fruto de um trabalho em equipa. E um aspecto que gostaria de salientar é o da nossa publicidade ser feita pelos próprios alunos. A boa imagem do ISCAL é transmitida pelos que aqui estudam e trabalham. Essa imagem foi conseguida não com investimentos publicitários, mas com um ensi-

tante, quando referiu que pela primeira vez o ISCAL tinha uma presidente que dava tudo pela casa. E esse foi o meu espírito, um espírito de missão, e o meu desejo é que quem vier a seguir dê continuidade a este projecto e que tenha uma postura ainda melhor que a minha. Porque a nossa presença, a nossa disponibilidade, o saber ouvir as pessoas e apostar nelas é o mais importante para se conseguir atingir os objectivos.

É importante que alunos, docentes e funcionários saibam que a presidente do Conselho Directivo chega por volta das 9 da manhã e sai só depois de arrumar todos os assuntos



tura em gestão que, como veio a ser comprovado, era um curso de fazia falta ao ISCAL. Toda a minha estratégia visava o aproveitamento das várias valências que eu acreditava existirem no Instituto.

POL. – Quando chegou ao ISCAL encontrou uma Instituição doente?

M.A.A. – Houve a necessidade de mudar algumas mentalidades. Um dos aspectos positivos do meu mandato, foi a boa colaboração que passou a existir entre os órgãos de gestão do ISCAL. O conselho directivo teve sempre a preocupação de levar à assembleia de representa-

no de valor e qualidade que permite uma rápida colocação dos alunos no mercado de trabalho.

POL. – E em termos pessoais, o que sacrificou?

M.A.A. – Foram trinta e oito anos da minha vida, nos quais eu dei o máximo que me foi possível, sacrificando muito da minha vida pessoal, sem qualquer arrependimento. E tudo isto não seria possível sem o apoio do meu marido, uma vez que considerava a minha presença nesta escola fundamental. É importante para os alunos, docentes e funcionários, saberem que a presidente do con-

POL. – A sua grande aposta foi na valorização das pessoas?

M.A.A. – Exactamente, a minha experiência nas várias organizações por onde passei, foi de que sem o empenhamento das pessoas não existem projectos credíveis. Ao nível da educação isto é difícil de atingir porque os professores estão muito mais dispersos e além disso a cultura do professor, muitas vezes, cinge-se muitas às aulas e à investigação. O professor vive um bocado isolado, ao contrário do que acontece nas outras organizações onde se trabalha mais em equipa.



E esse foi o meu espírito, um espírito de missão, e o meu desejo é que quem vier a seguir dê continuidade a este projecto e que tenha uma postura ainda melhor que a minha

tes os seus planos de actividades, o que não acontecia anteriormente. Os conselhos científicos e pedagógicos foram, igualmente, chamados a pronunciar-se sobre vários aspectos relevantes para o funcionamento da Instituição. Conseguir reunir todos os órgãos num projecto que comum foi a chave do sucesso.

selho directivo chega por volta das nove da manhã e sai só depois de arrumar todos os assuntos.

POL. – Essa sua dedicação foi reconhecida?

M.A.A. – Recordo o elogio feito pelo presidente da associação de estudantes na aula inaugural deste ano lectivo, que me comoveu bas-

POL. – Recordando as suas experiências profissionais que foi tendo ao longo da vida o que considera mais fácil de gerir: uma empresa ou uma escola?

M.A.A. – Uma escola sem dúvida. Estes três anos como presidente do conselho directivo foram muito duros, houve momentos de grande ten-

são onde eu tive de cerrar os punhos para os ultrapassar. Nas escolas é difícil reunir as pessoas e motivá-las para seguir um determinado percurso com base numa boa gestão.

POL. – Isso não será o resultado dos órgãos de gestão das escolas serem, na sua maioria, ocupados por académicos?

M.A.A. – Na minha opinião, é muito importante que, pelo menos um dos elementos do Conselho Directivo de uma escola, seja um gestor. E um gestor que tenha a perspectiva do que é a gestão, que saiba aplicar uma estratégia por objectivos, realizando uma avaliação em função desses objectivos e que aposte nas pessoas formando equipas de trabalho. O dirigente deve saber dizer a palavra certa, mesmo quando ela seja “não”. Como exemplo no ISCAL, fruto da nossa gestão, o nosso orçamento é sessenta por cento proveniente do orçamento de Estado e os restantes quarenta por cento são de receitas próprias.

POL. – E isso deve aplicar-se a todas as escolas?

M.A.A. – De uma forma geral sim. É importante ter alguém, no caso do ISCAL até existem pessoas com essas características cá dentro,



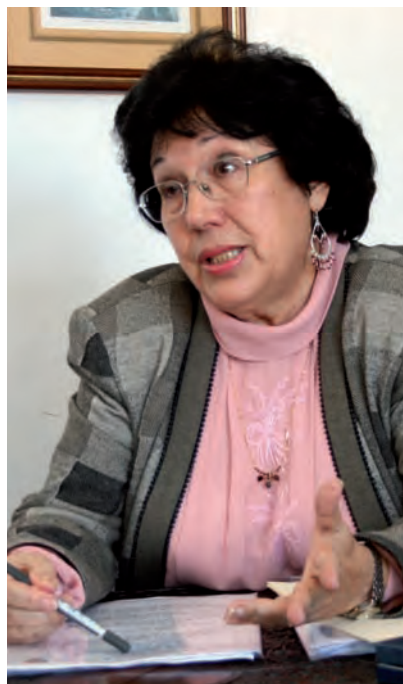
É muito importante que pelo menos um dos elementos do Conselho Directivo de uma escola seja um gestor

que tenham a sensibilidade para as receitas, os custos, tornando as organizações rentáveis. Claro que também é importante que os restantes elementos tenham um conhecimento profundo da vertente

académica e científica, só assim se consegue uma equipa equilibrada que realize uma boa gestão numa escola. Como eu costumo dizer, por isso é que o arco-íris é bonito, por ter muitas cores.

POL. – Quando abandonar o ISCAL, sente que cumpriu a sua missão?

M.A.A. – Os principais objectivos foram atingidos, sendo que o nosso grande calcanhar de Aquiles é o da demora em arrancar com as novas instalações. Quando iniciei as minhas funções como presidente do conselho directivo a minha convicção era que quando terminasse o mandato o novo edifício já estivesse pronto, e ele ainda nem começou a ser construído. Outro aspecto que gostaria que tivesse corrido melhor era o de envolver mais docentes nos doutoramentos. O ISCAL possui, ainda, um número de doutorados muito insuficientes, que nos penaliza bastante. Também é verdade que só actualmente existe maior oferta nos doutoramentos nas áreas da contabilidade o que poderá ser uma razão para, num futuro próximo, o nosso número de doutorados sofrer um aumento. No fim penso que o balanço final é positivo, e tudo vale a pena quando a alma não é pequena.



"O dirigente deve saber dizer a palavra certa, mesmo quando ela seja “não”. Como exemplo no ISCAL, fruto da nossa gestão, o nosso orçamento é sessenta por cento proveniente do orçamento de Estado e os restantes quarenta por cento são de receitas próprias"

Merz e a sonata de sons primitivos

Foi no ambiente do movimento Dada, entre 1916 e 1923, que se desenvolveu a criatividade do alemão Kurt Schwitters Merz, artista, escultor, gráfico, pintor, poeta, músico, mestre da colagem e da “assemblage”, criando um estilo próprio a que chamou Merz.

Texto de Maria João Serrão

ANALISANDO a poesia de Kurt Schwitters Merz (1887-1948) é possível identificar a forma como, nesse género literário, ele valorizou as sonoridades em detrimento do sentido lógico, jogando com os timbres/cores dos sons e com os ritmos das palavras e das sílabas, acabando por isolar os fonemas. O postulado central da nossa tese, de que consta o tema da Sebenta que acaba de ser editada pela Escola Superior de Teatro e Cinema, foi justamente demonstrar a sua virtuosidade ao criar a Ursonate, ou sonata de sons primitivos, obra com uma forma musical – a da sonata clássica –, substituindo as notas de música por fonemas do alfabeto alemão, usados como material de composição. Aqui fica o essencial dessa formulação.

Schwitters foi professor na Bauhaus e teve como colegas e amigos Kadinsky, Moholy-Nagy, Emil Nolde, Theo e Nelly van Doesburg, Raoul Hausmann, Hanna Höcht, Jean Arp, Hans Richter, Käthe Steinitz, entre outros. Alguns dos seus



quadros fizeram parte da Exposição “Arte Degenerada” (Entartete Kunst) que reuniu inúmeras obras de artistas rejeitados ou perseguidos pelo regime nazi, na Alemanha.

É justamente Richter que descreve o temperamento invulgar e a imaginação transbordante do amigo, com

as seguintes palavras: “Quando não compunha versos, Schwitters fazia colagens, quando não colava, construía colunas, lavava os pés na água dos seus porquinhos da Índia, aquecia os frascos de cola na cama, dava de comer às tartarugas na banheira, declamava, desenhava, imprimia, rasgava revistas, recebia amigos, publicava Merz (revista criada pelo artista de que saíram 24 números), escrevia cartas, amava, escrevia artigos publicitários para Günther Wagner, era professor nas Belas Artes, pintava retratos horríveis (de que ele aliás gostava muito) que em seguida rasgava e transformava a pouco e pouco em colagens abstractas”.

Dedico a versão portuguesa deste texto aos alunos de Teatro, na esperança de que ele os ajude a estabelecer uma relação directa entre os parâmetros musicais e os da poesia, através da sua matéria-prima – a palavra decomposta em fonemas, servindo a construção de ideias que, na sua natureza mais abstractizante, se identificam com a música.

A geopolítica da Droga



A DROGA e a toxicod dependência são dos maiores fla-

gelos da sociedade actual. A Geopolítica da Droga, tese de mestrado em Relações Internacionais pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, de Isabel Jesus dos Santos Ebo aborda a problemática da droga, explicando a variabilidade das rotas de transporte e comercialização, numa perspectiva de relações internacionais.

A produção, transformação, armazenamento, transporte, distribuição, a grosso e a retalho, de substâncias estupefacientes ilegais es-

tão cada vez mais relacionadas com a criminalidade e, particularmente com a constituição de associações criminosas. A autora focou algo fundamental como é perceber a relação entre estas actividades marginais, o terrorismo e a subversão. Dos factores ligados ao financiamento da corrupção e da subversão de Estados, sejam eles democráticos ou não, ressaltam os problemas do foro da segurança, que cada vez menos define as fronteiras entre o que é interno e internacional.

Na nota introdutória da tese de mestrado em Relações Internacionais, pelo ISCP, António de Sousa Lara, professor catedrático e presidente do Conselho Científico deste Instituto da Universidade Técnica de Lisboa, ressaltou o mérito e coragem da autora, Isabel Jesus dos Santos Ebo, na abordagem da temática da droga e outras matérias que a partir dela surgem, considerando a presente investigação muito importante para a prossecução de outros estudos.

A Arte (que ainda não é) para todos

O Ministério da Cultura esta a realizar um programa, em conjugação com grande parte dos municípios portugueses, para a descentralização das artes e a formação de novos públicos, denominado “Território Artes”. Docentes e alunos das escolas artísticas do Instituto Politécnico de Lisboa seguem com curiosidade o processo.

Texto de José Alexandre

O PROGRAMA pretende melhorar as condições de acesso das populações às manifestações artísticas, corrigindo as assimetrias regionais e desigualdades sociais através de Acções de Grande Envolvimento Nacional, assim designadas, como a que foi efectuada em 2008 na área do Teatro, que envolveu duzentos e quarenta e seis municípios.

No segundo número da revista “Território Artes”, entretanto publicado, é feito um resumo da actividade realizada, no âmbito do programa durante o ano de 2008. Nesta edição, podemos ainda consultar a programação regular e as Acções de Grande Envolvimento Nacional realizadas na área do Teatro durante o referido ano. Espaço ainda para as reportagens dos jornalistas Pedro Rosa Mendes, em Díli; Nuno Roby, em Caracas. Assinam artigos de opinião, neste número da publicação o Professor Adriano Moreira e o cirurgião João Lobo Antunes, irmão de António Lobo Antunes. Para assinalar o Dia Mundial da Dança, a Direcção-Geral



das Artes do Ministério da Cultura lançou mais uma das referidas Acções de Grande Envolvimento Nacional, desta vez no domínio, claro está, da Dança. Durante quatro semanas vimos e ouvimos falar de (quase) tudo o que a esta disciplina diz respeito. Para dar uma ajuda, a coreógrafa Madalena Victorino promoveu uma exposição, denominada “Uma

Carta Coreográfica”, explicitando os conceitos cruzados do “corpo como adivinha” e da “Dança como Fábulas”, que irá circular por todo o País. A exposição não se limita a mostrar coreografias, pinturas, desenhos e fotografias, dá ainda aos mais novos a possibilidade de brincarem com o movimento da dança, através de uma pequena carta coreográfica.

As análises do discurso



SAIU mais uma edição da revista “Comunicação Pú-

blica” da Escola Superior de Comunicação Social. Neste número o destaque vai para duas entrevistas, aos professores convidados do mestrado em jornalismo, Norman Fairclough e Hugh O'Donnell.

Norman Fairclough é professor da Universidade de Lancaster, do Reino Unido. Na entrevista realizada pela professora Isabel Simões Ferreira, directora do departamento de jornalismo da ESCS, o professor inglês debruçou-se sobre a sua especialidade, a

análise crítica do discurso. Norman Fairclough é um estudioso dos discursos que estabelecem diálogos entre teorias da linguagem e teorias críticas, tem-se interessado pela linguagem encarando-a como parte integrante das mudanças sociais contemporâneas.

Hugh O'Donnell é leitor de linguagem e media na Glasgow Caledonian University e membro da Association of Cultural Studies e da Association for Contemporary Iberian Studies. Na entrevista publicada na

“Comunicação Pública” este professor, especialista na análise comparativa de produtos da cultura popular, expressou a sua opinião sobre o jornalismo, as suas transformações e as relações com as outras narrativas.

Nesta edição da “Comunicação Pública” podemos ainda encontrar dois artigos dos referidos professores e um texto das professoras Esther Martinez Pastor e Carmen Gaona Pisonero, que abordaram a publicidade realizada pelas Administrações Públicas.

Comunicação e Política

A obra *Estudos de Comunicação Política*, de Paula do Espírito Santo, assenta num estudo de análise de conteúdo das mensagens presidenciais do espaço de campanha e pós campanha eleitoral em Portugal, no período compreendido entre 1976 e 2006.

Texto de Margarida Jorge

A AUTORA é Doutorada pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política, onde lecciona. Colabora ainda como docente no Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, bem como em universidades estrangeiras.

A investigação da autora centrou-se na análise do conteúdo do cartaz e do slogan como veículos fundamentais na comunicação política. Para isso foram ainda analisados os cartazes usados nas eleições presidenciais francesas. Também considerados, os debates televisivos dos candidatos à Presidência da República, permitiram analisar o alinhamento dos conteúdos e as diferenças de comunicação entre canais televisivos.

O estudo feito teve em linha de conta os discursos de tomada de posse dos vários Presidentes da República portugueses a fim de estabelecer semelhanças e diferenças em termos de estratégia de construção da mensagem política dirigida ao país.

Uma das principais conclusões da análise quantitativa e qualitativa aponta para a comunicação política como



Realidade social e televisão



“A TELEREALIDADE, uma abordagem hermenêutica da

Construção Social da Realidade pela Informação Televisiva de Actualidade” é uma obra da autoria da professora Carla Cruz, que pretende demonstrar, numa abordagem sociofenomenológica, a construção social da realidade inerente à produção de jornais televisivos.

Licenciada em Comunicação Social e mestre em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Carla Cruz, realiza um estudo sobre a informação televisiva difundida nos canais gene-

ralistas portugueses. Realizando um levantamento de categorias de análise, que levem à identificação as unidades jornalísticas emitidas, a autora pretende compreender como a imagem do “mundo” teleconstruído é simbolicamente representado nos noticiários difundidos para o público. No fundo estuda-se o método como os emissores e os meios tratam a informação demonstrando as “verdades” relativas que estão presentes nos conteúdos noticiosos, contribuindo pa-

ra uma visão mais realística e menos estereotipada da telerealidade.

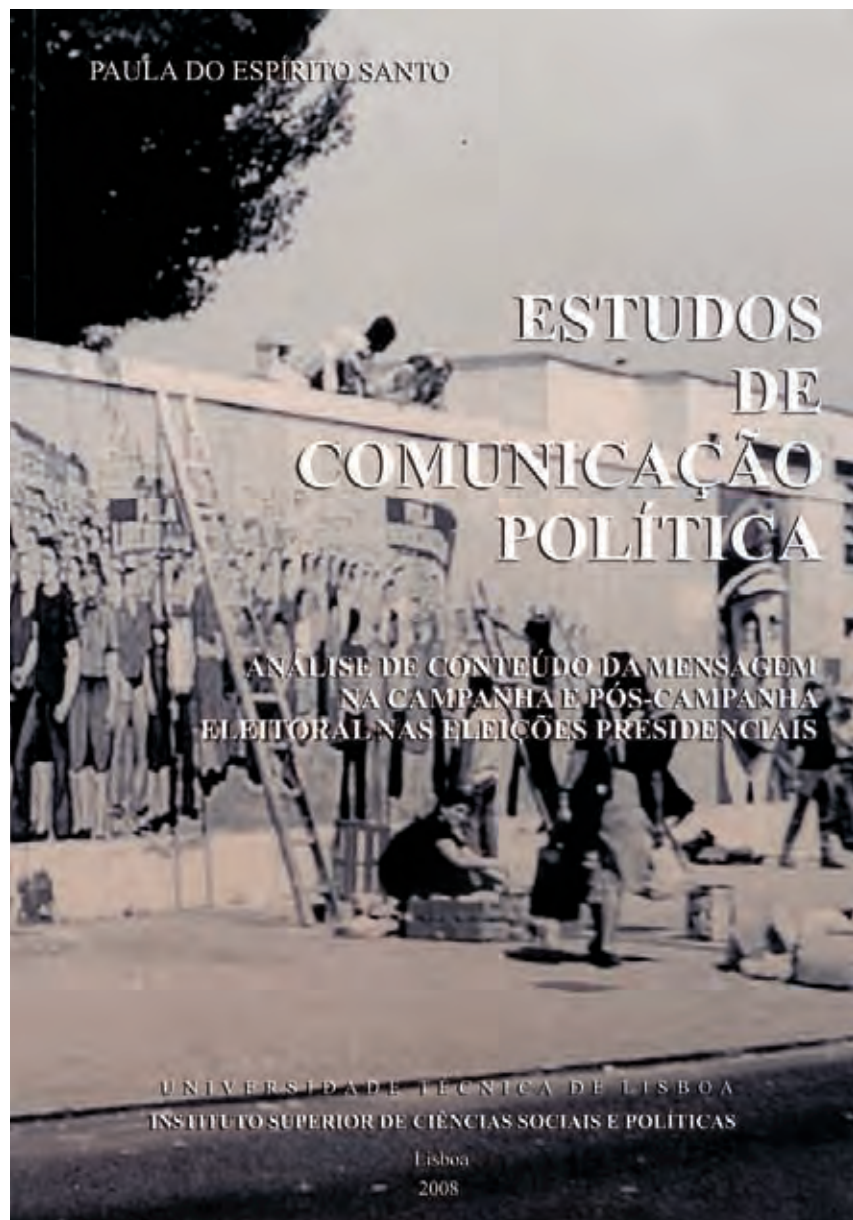
Segundo o livro o jornalista, quando aprende e transmite o mundo real, não o faz de uma forma totalmente objectiva, mas sim participa numa construção social da realidade.

Carla Cruz prova com a obra “A Telerealidade” que, na elaboração das notícias, são utilizadas aspectos, como escolhas e preocupações, que interessem o público e que são externos aos factos.

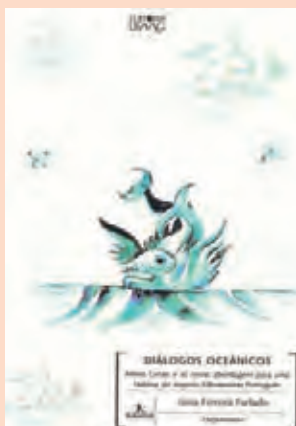
um dos desafios mais urgentes para os sistemas políticos, para os seus líderes como eleitores. A comunicação assume o papel de indicador de credibilidade política. Assim a autora constatou que comunicar em democracia constitui uma tarefa de alinhamento permanente de motivos, cada vez mais políticos e sociais e cada vez menos ideológicos, estes mais evidenciados pelos líderes e partidos posicionados nos extremos da escala partidária esquerda direita. A investigação revela ainda que a comunicação política revela-se como um exercício ajustado ao espaço e ao tempo, da política e da coisa pública.

O trabalho de investigação de Paula do Espírito Santo reveste-se de grande riqueza analítica, pelas potencialidades da técnica de análise de conteúdo que integra, mostrando que a compreensão das linhas essenciais à construção da mensagem política é importante para a descoberta das prioridades e projectos dos agentes políticos. A produção da mensagem política apresenta-se de modo direccionado, intencional e projectado, reflectindo-se na cultura, na sociedade, na conjuntura e no projecto político e ideológico de cada força partidária.

O presente estudo, de acordo com a autora, vem mostrar que a Comunicação Política traduz, uma arte, cujos contornos e mestria são produto de processos de procura de soluções e dinamismos públicos permanentes.



Diálogos oceânicos



ESTE livro pretende dar a conhecer os diversos ma-

res que interligaram os vários pontos do império marítimo português, para tal compila estudos de vários autores, cuja organização ficou a cargo de Júnia Ferreira Furtado. A organizadora, mestre e doutora em História Social é professora adjunta de História da Universidade Federal de Minas Gerais, região que serviu como ponto de partida, ou de chegada no período colonial.

Um dos objectivos foi trazer à luz, a muitas vezes esquecida história do Impé-

rio Colonial Português. Os oceanos surgem como terreno unilateral de afirmação das passadas glórias nacionais, como um espaço de comunicação, intercâmbio, conflito e integração.

A região de Minas Gerais foi considerada no Séc. XVIII como um dos pontos centrais do ponto de vista económico, do Império Português. Nos Diálogos Oceânicos são cinco os temas recortados, Mulheres e Género; Comércio e Comerciantes; Revoltas e Motins; Conjurações e A crise

do Império, aliando diversas regiões, entre Portugal, Brasil, Ásia e Minas Gerais.

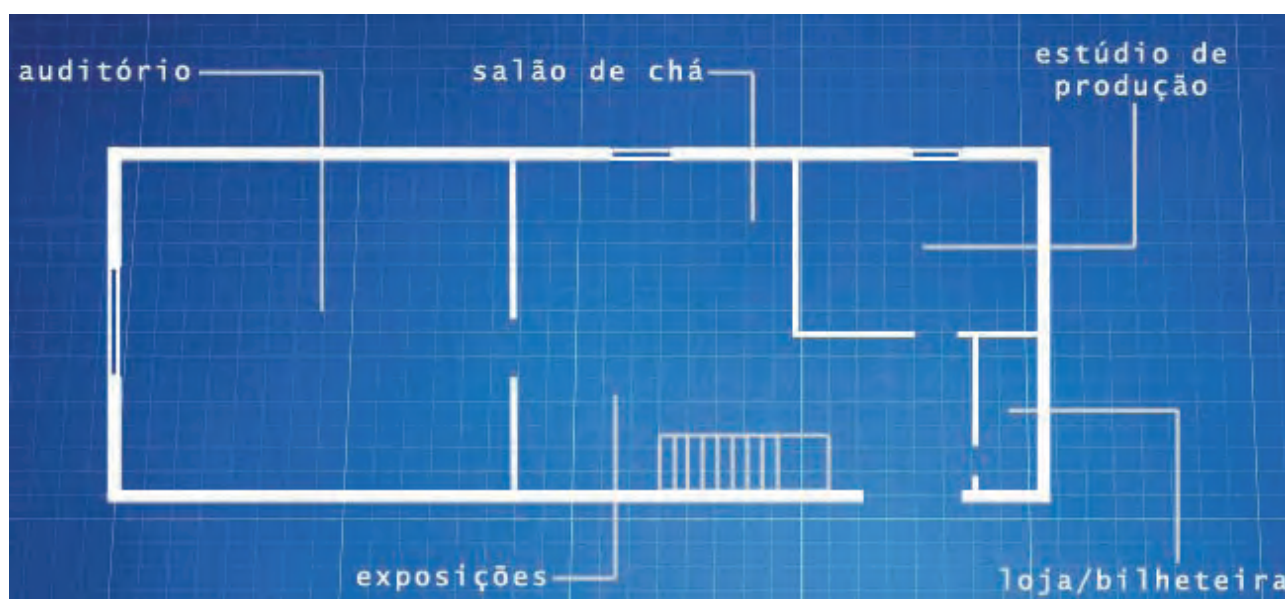
Os textos organizados no livro permitiram traçar paralelos entre as regiões, para além de conexões transversais, que conduziram a um intercâmbio inovador.

A organização dos estudos apresentados contribuíram para desvendar a rede oceânica da época, levando à reflexão e a um possível estímulo à pesquisa inter-regional dentro das fronteiras do Império Ultramarino Português.

Teatro Virtual on-line

À distância de um clique, no Teatro Observatório da Amadora pode-se assistir a uma peça teatral, apreciar uma exposição ou até mesmo ler um livro. Disponível na internet, o projecto inovador, da autoria da Associação Proto, promete uma agenda cultural recheada de opções. Pedro Saavedra, formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, assume o papel de programador artístico.

Textos de Bárbara Gabriel



Maquete do Teatro Observatório da Amadora, disponível on-line

PROJECTO inovador no panorama cultural e multimédia, o Teatro Observatório da Amadora (TOA), é um espaço virtual, disponível on-line, (www.aproto.org/toa), que pretende dar resposta a todas as exigências de um qualquer teatro fisicamente existente. Gratuitamente, os cibernautas podem embarcar numa viagem a um universo cultural onde não vão faltar espectáculos de teatro, música, dança; sessões de cinema, poesia e leitura.

Dispondo de uma programação própria, o TOA pretende ser um espaço verdadeiramente interactivo, sem barreiras entre o público e os artistas. Recorrendo às novas tecnologias da internet, a Associação Cultural Proto da Amadora, responsável pela criação do TOA, viu neste projecto a forma ideal de apresentar os trabalhos que produz, permitindo ao mesmo tempo que “outros artistas, que não dispõem de uma estru-

tura física, possam também fazê-lo”, conforme afirma Pedro Saavedra, o programador artístico, um cargo que será renovado anualmente.

Formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, Pedro Saavedra, considera que mais do que um teatro virtual o TOA (Teatro Observatório da Amadora) pretende ser um local que atraia o público durante 24 horas e que reflecta o espaço onde a associação está integrada não só a cidade da Amadora, mas também o meio circundante. A apresentação da programação anual será sempre feita num local físico abrindo-se assim a possibilidade de a mesma ser discutida. Atrair público para a discussão deveria ser, na opinião do programador, a grande preocupação dos teatros, especialmente “em cidades dormitório onde os habitantes deviam opinar sobre o sítio onde vivem, dizendo sobre o que mais lhes agrada ao nível artístico”.

Com “portas abertas” desde o ano passado, o TOA convida à participação não só de artistas e agentes culturais mas, também, do cidadão comum. “São bem-vindas as mais variadas formas de expressão artística, embora as componentes visual e sonora sejam privilegiadas, porque o próprio meio assim o obriga”, explica Pedro Saavedra.

Visualizar vídeos de um rancho folclórico, aulas de culinária ou um recital de poesia são algumas das possibilidades oferecidas pelo Teatro Observatório da Amadora. O projecto envolve também a PTV, um canal de televisão on-line, que será o mecenas do teatro e no qual a associação Proto espera obter apoio publicitário.

Nas propostas de eventos a incluir na programação anual, a transdisciplinaridade, envolvendo a componente multimédia e humana, será valorizada. Diversificar ao máximo a oferta de produtos artísticos e culturais será

Imaginação e criatividade

COM cinco anos de existência, a Proto- Associação Teatro Observatório é uma associação cultural, sem fins lucrativos, que nasce da vontade de um grupo de jovens apostados em estabelecer ligação entre criadores independentes e artistas profissionais através da pesquisa artística.

Dirigida por Pedro Saavedra, a equipa de cinco profissionais que constitui a Proto, actua em várias vertentes criando, produzindo e promovendo festivais, workshops, espectáculos e parcerias com instituições culturais. Na área da pedagogia, vocacionado para as crianças, a Casa da Imaginação promove ateliers centrados na educação pela arte e das artes pela educação. Ao longo da sua existência, a Casa foi responsável pela organização de ateliers temáticos no Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, em escolas públicas e privadas, promoveu festas abertas à comunidade na Casa Roque Gameiro, para além da parceria estabelecida com o serviço educativo da Culturgest.

Com o objectivo de valorizar o mundo particular que rodeia cada casa, cidadão e cidade, as oficinas artísticas destinadas à população sénior são um espaço interactivo, de troca de experiências de vida que ajudam a reforçar as relações interpessoais. Numa vertente de investigação artística e reflectindo esteticamente temas actuais surge a Intensive Art Care. Promovendo um



Pedro Saavedra num atelier artístico com as crianças

espírito crítico, pretende-se apostar na formação e criação de espectáculos, atraindo novos públicos.

P- O Amante Visual, MasterClasse Cerejal, e mais recentemente o projecto Europa-Tours são alguns projectos desenvolvidos pela Intensive Art Care.

Sediada na Amadora, em instalações disponibilizadas pela Câmara

Municipal, a Proto- Associação de Teatro Observatório, é constituída por uma equipa profissional distribuída pelas áreas artísticas, pedagógica, produção e comunicação. Ao longo da sua existência “a associação tem sido encarada como uma empresa” diz Pedro Saavedra, que critica a dependência de financiamentos.

uma prioridade. À semelhança do que acontece no “Second Life” – o universo virtual com mais de 11 milhões de utilizadores em todo o mundo, onde se criam personagens capazes de interagir umas com as outras –, no TOA também os cibernautas podem navegar por áreas interactivas.

Virtualmente composto por dois pisos, a entrada para o edifício é feita pelo piso 0 (zero). Num salão de chá, isento de fumo e bebidas alcoólicas, servem-se pequenas refeições. Neste

espaço os visitantes podem descontraindo ler um livro, jornal ou se preferirem debater sobre os mais variados temas. Existe um local destinado a exposições. No auditório, apetrechado com uma plateia amovível, são apresentados espectáculos de teatro, performances de dança e música. Numa pequena loja os cibernautas podem adquirir produtos de merchadising.

Pensado para dar apoio às diversas actividades desenvolvidas pelo teatro, o escritório de produção com sala

de reuniões situa-se no piso zero. No piso -1 (menos um) a filmoteca disponibiliza filmes e documentários comentados por programadores convidados. Dedicada sobretudo às crianças, na Imaginoteca não vão faltar ateliers, oficinas e actividades pedagógicas de educação pela arte. Os mais pequenos divertem-se com variados jogos tendo a possibilidade de escolher a cenografia da sala. E é ainda no piso -1 (menos um) está localizado o armazém de materiais usados e os WC's.

Que ensino da Comunicação em Portugal?

A PROBLEMÁTICA da criação e aprovação de novos cursos, particularmente agora que se aproximam as avaliações internacionais, deve ser um tema de preocupação. Preocupação que se justifica perante a ausência de uma reflexão profunda quanto ao tipo de cursos criados, conteúdos e sua adequação às necessidades do mercado. Aliás, a situação não é nova, surge no início dos anos 90, com a emergência de instituições de Ensino Superior Privado e Cooperativo e respectiva proliferação de cursos ali ministrados, sem qualquer regulação.

Convido o leitor a olhar, mesmo que transversalmente, para a oferta de cursos de Comunicação em todos os subsistemas de ensino superior em Portugal, provavelmente ficará estupefacto com a dimensão atingida. Ora, nesta “observação” podemos comprovar formações com designações como “Comunicação Organizacional”, “Comunicação Social”, “Comunicação e Relações Económicas”, “Comunicação e Relações Públicas”, “Comunicação e Multimédia”, “Relações Humanas e Comunicação Organizacional”, “Jornalismo”, “Jornalismo e Comunicação”, “Publicidade e Relações Públicas”, “Ciências da Comunicação”; etc., etc.

É, também, inquietante que alguma desta formação seja leccionada por instituições sem vocação nesta área do conhecimento, desprovidas de meios tecnológicos, com escassos docentes da área e sem qualquer ligação à investigação. Aliás, os relatórios das Comissões de Avaliação Externas, ao nível dos subsistemas de ensino superior público e privado, universitário e politécnico, para a área da Comunicação e Informação, efectuados anteriormente, revelam conclusões como: “instituições que contam com educadores que alimentam uma aversão à tecnologia”, “transmissão de conhecimentos e modelos ultrapassados”, “número diminuto de docentes profissionais da área de especialização do curso”, “ausência de disciplinas prá-



Jorge Veríssimo *

Quem olhar para a oferta de cursos de Comunicação no Ensino Superior em Portugal, ficará estupefacto com a dimensão atingida

ticas na área de formação base do curso”, “ausência de investigação por parte dos docentes” etc., etc.

A propósito da convergência entre os objectos e métodos do ensino da Comunicação no ensino superior e os objectos e métodos da investigação científica, o Prof. Aníbal Alves¹, argumenta que “valeria a pena perguntar com que critérios se criaram estes cursos, sob que iniciativas e autorização legal se abriram, como se encontraram professores competentes, como surgiram os seus alunos, e outras interrogações que levem a uma compreensão mais esclarecida deste interessante e, indubitavelmente, significativo processo”.

Ora, a proliferação de cursos nesta área do conhecimento, quando associada a uma deficiente preparação dos estudantes, acaba por:

Afectar negativamente a imagem das instituições de ensino, já que não cumprem com o seu maior propósito, o de fornecer profissionais qualificadas para actuar neste sector fundamental da sociedade;

Prejudicar a capacidade de inserção profissional dos estudantes ali formandos, simultaneamente que os embaraça, já que ficam conotados como mal preparados;

Lesar as próprias empresas, que recrutam maus profissionais, a maioria sem qualquer responsabilidade. Face a esta situação, é altura da academia se revelar capaz de:

- Reflectir sobre esta problemática, de modo a evitar os distanciamentos entre si/docentes e as organizações/empresas;
- Avaliar seriamente os cursos, a fim de impedir a transmissão de conhecimentos e modelos ultrapassados, e preparar profissionais para lidar com as especificidades do sistema de comunicação actual;
- Incrementar a investigação e rejeitar a pesquisa desarticulada entre instituições.

Ao mesmo tempo, justifica-se que a tutela desencadeie e catalise um tempo e um processo de reflexão que leve à corporização de um sistema de auto regulação. Concomitantemente, ao ser avaliada as actuais áreas de formação em Comunicação, deve ser ensaiada uma antevisão de áreas emergentes, de modo a adequá-las às necessidades do mercado.

Passado o período de estabilização dos cursos é tempo de o seu conjunto ser pensado como um todo e de se criar um espaço de reflexão que vise a concretização das medidas recomendadas pela via das avaliações e se perfilam as áreas de investigação que importa abordar, quer no interesse do cidadão, quer no dos investidores.

*Vice-Presidente da Escola Superior de Comunicação Social